

# PÓVOA DE VARZIM

BOLETIM CULTURAL

DIRECTOR  
FLÁVIO GONÇALVES



VOL. XIV

1975

N.º 2

EDIÇÃO  
DA  
CÂMARA MUNICIPAL

vertentes e vai dar no alto do monte de sobre a fonte chamada das Pombas, cortando sempre águas vertentes, e daí apartando as águas vertentes e dá no monte chamado da Vela, e nele desce abaixo pelas mesmas águas vertentes, e vai dar na mamoinha que está junto à estrada que vai do Carvalhal para Rates, donde o Dr. Juiz do Tombo mandou meter um marco, o do mesmo marco corta rosto direito ao nascente apartando águas vertentes para uma e outra parte, e vai dar na cruz que chamam das Pedras Amanhadas, junto da estrada que vai de Rates para Vila de Conde, e daí vai rosto direito apartando águas vertentes, e vai dar em um marco antigo a que chamam da Fonte da Serra, e junto da estrada que vem de Braga para Vila de Conde, em o qual lugar declararam os louvados acabava a divisão dos tais limites .....

— Demarcação entre as freguesias de S. Cristóvão e S. Miguel de Arcos..... começa a demarcação entre estas freguesias no marco que chamam da Fonte da Serra, adonde findou a demarcação de Rates, e do mesmo marco rosto direito ao sul águas vertentes vai dar no altinho de por cima da Pedra Choucheira, donde ele Juiz mandou meter um marco, e do mesmo marco vai rosto direito águas vertentes dar no alto do monte de Barreiro, donde o Dr. Juiz do Tombo mandou meter um marco, e do mesmo marco torna a descer abaixo e dá no valo das tapadas chamadas da Feiteira, que são de S. Cristóvão, e vai rodeando o dito valo até dar no campo do Cancelinho, que é de Arcos, e vai pela tapagem que o divide das Feiteiras até dar no Ribeiro chamado de Coucelo, o qual ribeiro vai seguindo e corta a estrada que vai da Ponte de Arcos para Vila de Conde, e segue o mesmo ribeiro abaixo até onde se mete no Rio Deste, e daí segue a veia da água e vai cerrar na parte donde principiou esta demarcação pelo Rio Deste que divide com S. Simão e neste lugar disseram os louvados acabava esta divisão das freguesias segundo suas lembranças e consciências .....

Ainda que um tanto desordenados, são elementos para um *corpus* da Póvoa de Varzim e seu concelho — obra que, parecidos, seria do maior interesse.

(1) Pareceu-nos interessante incluir as demarcações de Rio Mau com Touquiú e Arcos, apesar de estranhas ao nosso intento, não só porque contém valiosas indicações toponímicas e arqueológicas, mas também pela interdependência com as demais, pertencentes ao actual concelho da Póvoa de Varzim. Cf. os nossos *O Castelo de Paranhos, em Terroso (Póvoa de Varzim)* no «Douro Litoral», n.º VII da 3.ª série, e *A Comenda de Santa Marta de Terroso*, neste Boletim Cultural «Póvoa de Varzim».

## Cartas de Francisco Gomes de Amorim para Abílio Augusto da Fonseca Pinto, de 1871 a 1884

por JORGE PEIXOTO

A correspondência existente na secção de Manuscritos da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (Ms. 3209) e que hoje publicamos, tem, para lá dos factos que refere, uma circunstância especial: dá-nos a história «subterrânea do escritor». Assim, Gomes de Amorim, como administrador da sua obra literária, sabe muito bem o que há-de pedir pelas suas edições e quais são as vias mais convenientes que se lhe abrem neste capítulo.

Aliás, entre nós, a história editorial das obras de alguns dos nossos principais escritores está por fazer. E se é certo que não abundam as fontes o que é muito mais grave é que tais fontes não hão merecido os favores dos nossos investigadores muito mais debruçados sobre os aspectos literários e estéticos dos autores do que sobre toda esta infra-estrutura que condiciona tanta vez o que se faz — ou não faz...

Lembremos, por exemplo, de Camilo nas suas cartas para os seus editores, onde se pode erguer quase passo a passo muitas das edições da sua obra. São conhecidas as cartas publicadas de Camilo para os seus editores Eduardo da Costa Santos, Matos Moreira, António Maria Pereira e ainda outros (1).

Para lá das angústias de dinheiro — e Camilo foi dos nossos primeiros, e pouquíssimos, escritores a viver apenas da pena — há todo um mundo material que conduz a obter-se uma melhor situação do homem e do escritor.

Nós, nos *Arquivos do Centro Cultural Português*, da Fundação Calouste Gulbenkian, de Paris, publicámos recentemente

(1) MARQUES, Henrique — *Os editores de Camillo*. Lisboa, 1925.

as cartas do historiador da nossa cosmografia, Joaquim Bensaúde, para um dos seus impressores, Cândido Nazarê, director das oficinas da Imprensa da Universidade de Coimbra, e por elas bem se demonstra o que pretendemos: a história da nossa cultura tem de tomar também em larga medida o que lhe fornece a actividade impressória e editorial dos nossos escritores.

É evidente que não queremos aqui acentuar, por exemplo, as actividades impressórias de um Balzac, ou mesmo as tentativas goradas de um Antero de Quental, ou ainda os começos duros e talvez frustradores de um Teófilo Braga, aprendiz de tipógrafo. Queremos, sim, estabelecer um nexa, uma relação: escritor → tipógrafo → editor.

Se se tiver esta tripla relação em consideração — e nos casos em que tal for possível estabelecer — por certo que outra grandeza e nova dimensão a obra literária ganhará. O escritor — passe a verdade corriqueira! —, é igualmente homem de carne e osso...

Assim vemos como Gomes de Amorim se bate pelo seu trabalho intelectual e o resguarda de possíveis delapidações ao tentar editar as suas obras.

Assim, na carta n.º 4, de 16 de Fevereiro de 1871, logo ele põe as nove condições em que aceitará fazer editar as suas obras completas em Coimbra, indicando as tiragens que podem ir até 3000 exemplares, preços, número de exemplares para o autor, quanto é que o autor receberia, etc.

Na carta n.º 14, de 18 de Novembro de 1871, Gomes de Amorim propõe-se fazer a 3.ª edição dos *Cantos Matutinos* e volta ao assunto na carta imediata, n.º 15, de 24 de Novembro de 1871, e o mesmo acontece na carta n.º 33, de 9 de Outubro de 1874, na n.º 34, etc.

Também ficamos a conhecer algo das condições materiais em que a colaboração nos jornais e revistas então se processava, assim como conhecemos igualmente um pouco da vida dos romances em folhetins, género um tanto novo em Portugal e que algum successo aqui estava a obter, embora Gomes de Amorim, sempre a lamentar-se, não abonasse muito o interesse das redacções dos jornais. (Ver cartas n.ºs 22, 23, etc.). Aliás a opinião de Gomes de Amorim, sobre os jornais da época não era muito favorável, pois «a imprensa não serve, geralmente, senão para os pulhas se celebrarem e aplaudirem uns aos outros e afirma que o mestre nestas cartas é Eduardo Coelho, do «Diário de Notícias».

Para a sua grande obra biográfica sobre Garrett, Gomes de Amorim pela sua carta n.º 51, de 7 de Dezembro de 1881, procura igualmente materiais, conforme se verifica ainda nas suas cartas

n.º 31, de 1 de Agosto de 1874, n.º 44, de 28 de Janeiro de 1876, n.º 46, n.º 50, de 4 de Abril de 1881.

Quanto às obras que um e outro destes escritores possuíam da autoria do outro, são elucidativos os catálogos de vendas das suas livrarias e que aqui registamos desde já.

No *Catálogo dos livros que pertenceram a Francisco Gomes d'Amorim e que serão vendidos em leilão no dia ... de Fevereiro de 1893 na casa em que falleceu, em Lisboa no Largo do Carmo, junto às ruínas.*

Lisboa, Typographia e Stereotypia Moderna, 1892, p. 10, n.º 245, apenas se assinalam duas obras de Fonseca Pinto. São as *Cartas selectas*, Coimbra, 1890, brochada, com dedicatória, e o *Parnaso mariano*, Coimbra, 1890. Os dois livros, conforme o exemplar do catálogo que possuímos, foram vendidos por 500 réis.

No *Catálogo dos livros que pertenceram a Abílio Augusto da Fonseca Pinto e que serão vendidos em leilão no dia ... de ..... de 1894 na casa em que falleceu, em Coimbra, na Imprensa da Universidade*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1894, vêm assinaladas as seguintes obras de Francisco Gomes de Amorim, p. 5:

- 65 — *O cedro vermelho* — 2 vol., br.
- 66 — *Ódio de raça* — 1 vol., br.
- 67 — *Ghigi. A proibição* — 1 vol., enc.
- 68 — *Diccionario de João Fernandes* — 1 vol., br.
- 69 — *Figados de tigre* — 1 vol., br.
- 70 — *A abnegação. A viuva* — 1 vol., br.
- 71 — *Os incógnitos do mundo. Os herdeiros do millionario* — 1 vol., br.
- 72 — *Aleijões sociaes. O casamento e a mortalha no ceo se talha* — 1 vol., br.
- 73 — *Á glorificação de Calderon de la Barca* — 1881, 1 vol., br.
- 74 — *O remorso vivo* — 1 vol., br.
- 75 — *Fructos de sabor vario* — 1 vol., br.
- 76 — *Muita parra e pouca uva* — 1 vol., br.
- 77 — *Os Lusíadas de Luiz de Camões* — 2 vol., br.
- 78 — *Versos. Ephemeros* — 2.º vol., br., falta o 1.º.
- 79 — *Garrett. Memorias biographicas* — 1.º vol., enc., 2.º e 3.º br.

Este leilão efectuou-se a partir de 10 de Maio de 1894. A tiragem deste catálogo foi de 425 exemplares, descrevendo

3136 espécies dispostas por ordem alfabética dos autores. No nosso trabalho sobre os leilões de livros realizados em Coimbra no séc. XIX, descrevemos este catálogo (1).

\*  
\*   \*  
\*

Já demos noutro lugar a biografia de Abílio Augusto da Fonseca Pinto (1). Era filho de Alexandre da Fonseca e Silva e nasceu em Coimbra a 27 de Maio de 1831. O seu pai, liberal de boa cepa, foi alvo de ferozes perseguições políticas e teve de se refugiar, durante 6 anos, na casa do seu cunhado, António Lopes de Sá Esteves, na rua das Fangas, no edifício dos Correios, de que António Esteves era, ao tempo, administrador, e após o restabelecimento do regime liberal em 1826, fundou com José António Rodrigues Trovão uma tipografia nas casas deste na rua Sargento Mor, tendo-se aí impresso vários jornais liberais como o *Observador*, redigido pelo célebre António Luís Seabra, e o *Noticiador Conimbricense*.

Fonseca Pinto, depois de frequentar o liceu, ingressou na Faculdade de Direito em 1847, tendo concluído a sua formatura em 1852.

Teve uma acção importantíssima na Imprensa da Universidade onde ingressou conforme mercê de 12 de Maio de 1865 como seu revisor. A 10 de Junho de 1881 teve uma grave questão com o administrador da Imprensa, o Dr. Manuel Costa Alemão. Este mandou-lhe descontar parte do dia 4 daquele mesmo mês, sob pretexto de que Fonseca Pinto devia ter entrado às onze horas da manhã e não às treze.

Abílio Augusto da Fonseca Pinto conta assim a questão (2): «Fui nomeado revisor da Imprensa da Universidade por Decreto de 15 de Janeiro de 1865 e Carta Mercê de 12 do mesmo ano, a qual confirmou a minha nomeação. Exerço portanto este lugar há mais de dezasseis anos, sem nunca ter pedido largas licenças, nem ter dado uma só falta que não fosse substituído, ainda mesmo por causa de doença». E mais adiante, continua Fonseca Pinto: «No dia 10 de Junho último, estando a trabalhar no meu gabinete de revisão, recebi a visita do actual contador interino, o sr. José Raimundo Alves Sobral, que, em nome do sr. Administrador interino, me notificou o documento seguinte:

«Para o sr. Contador

(1) PEIXOTO, Jorge — *Para a história do comércio do livro em Portugal. Leilões em Coimbra no século XIX*. Coimbra, Arquivos Coimbrão, 1970, p. 58-64.

(2) *Breve exposição aos seus amigos*. Coimbra, Imprensa Litteraria, 1881.

A folha 10 do Código Penal anotado pelo sr. Conselheiro Seco foi entregue na Revisão pelo respectivo Compositor no dia 4, e lá ficou até o dia 7, em que o Ex.<sup>mo</sup> Anotador se me queixou da demora.

Foi oficialmente comunicado ao sr. Revisor que não lhe é permitido sair deste Estabelecimento, em quanto entrar nele às 11 horas da manhã, sem deixar revistas as provas que no mesmo dia lhe forem apresentadas; e a folha já mencionada do Código Penal ficou sem revisão dois dias: sábado e segunda-feira. Por isto, e porque o sr. Revisor entrou para este Estabelecimento no dia 4 à uma hora da tarde, e é lei da casa que = Não estando na Imprensa o Revisor às 11 horas da manhã deve dar-se como falta para todos os efeitos = determino que se desconte ao sr. Revisor no vencimento do mês de Junho corrente a parte que corresponde ao dia 4. Imprensa da Universidade, 7 de Junho de 1881. O administrador, Dr. Manuel da Costa Alemão».

Fonseca Pinto respondeu de pronto e remeteu ao Reitor, visconde de Vila Maior, este documento:

«II.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Fui há poucos dias notificado, por ordem do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Administrador interino da Imprensa da Universidade, de me ter ele imposto o desconto do meu vencimento correspondente ao dia 4 do corrente, alegando como motivos ter eu comparecido nesse dia à uma hora da tarde, e ter-se demorado dois dias no gabinete da Revisão uma folha do Código Penal anotado pelo Ex.<sup>mo</sup> Conselheiro Dr. Henriques Seco.

Contra esta disposição do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Administrador interino protesto com todo o respeito perante V. Ex.<sup>a</sup>, provando a inexactidão das minhas supostas faltas. E elevo este protesto à presença veneranda de V. Ex.<sup>a</sup> como chefe imediato deste Estabelecimento e em quem residem actualmente as principais funções da antiga Conferência».

Explica, de seguida, a razão da presumível falta: «No dia 4 do corrente fui intimado para um conselho de tutela como substituto do Meritíssimo Juiz de Direito desta comarca, e antes de ir escrevi ao meu ajudante leitor (como tenho feito outras vezes) para que prevenisse o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Administrador de que compareceria mais tarde nesse dia por aquele motivo, o que ele cumpriu. Quando cheguei, logo depois de fechado o conselho, confirmei verbalmente o que mandara dizer; e pondo o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Administrador duvida na forma da comunicação, declarei no livro do ponto com sua anuência (pelo menos aparente) a causa da demora, firmando a declaração com a minha assinatura».

Manuel Costa Alemão, em 1 de Janeiro de 1882 publicou: *A Imprensa da Universidade. Exposição verdadeira ao Patz. I.*

onde começa por dizer: «Isto não é resposta ao revisor da Imprensa da Universidade». Mas realmente era. E Costa Alemão prossegue: «Faltar para comigo aos deveres da mais simples e trivial cortesia, cousa era que podia achar desculpa nas suas condições individuais; pelo menos um ânimo generoso poderia dar-lhe, como eu lhe dei enquanto não passou a meta. Mas andar pedindo instantaneamente a minha exoneração e o meu lugar; fazer de um acervo de falsidades calculada e pacientemente arranjadas, embora sem critério, uma arma que ele julgou mortífera; espreitar durante mais de cinco meses o momento oportuno de ma desfechar, bem a seu salvo, á queima roupa: actos são, que não sei classificar senão com uma só palavra, e para os quais não conheço senão uma resposta condigna».

Em nota Costa Alemão esclarece: «A multa foi-lhe aplicada em princípios de Junho, e o folheto a propósito dela só apareceu nos últimos dias de Novembro de 1881, quando a política odienta, mesquinha e estéril desta terra, secundada pelas amáveis complacências do sr. D. António da Costa, tendo conseguido do sr. Tomás Ribeiro a promessa da minha demissão, que do ministro anterior não pudera obter, pôs de lado umas fictícias generosidades, em que até então envolvera a própria impotência. Empregado do reitor e não do governo, eu não podia legitimamente ser demitido por este. O sr. Sampaio respeitou o direito, a razão e a justiça. Honra lhe seja».

Costa Alemão, em 14 de Dezembro de 1881, remeteu ao reitor o folheto de Fonseca Pinto, com um officio onde a certa altura se afirmava: «A insubordinação que ali campeia arrogante, fazendo gala de mostrar-se, se é um sintoma, infelizmente, seguro do abaixamento moral a que chegou a Imprensa da Universidade antes das duas últimas administrações, é também um exemplo perigoso e um precedente gravissimo, que muito importa remediar».

Costa Alemão endossa a acusação feita por Fonseca Pinto para o reitor, afirmando: «Nesta publicação, em que o revisor da Imprensa reconhece que V. Ex.<sup>cia</sup>, como primeiro membro da Conferência, representa a autoridade suprema deste estabelecimento, é V. Ex.<sup>cia</sup> mais certa e directamente ofendido do que eu, simples delegado dessa mesma autoridade, e com ela solidário».

Nessa exposição, Costa Alemão acusa Fonseca Pinto nestes termos: «O revisor Abílio Augusto da Fonseca Pinto, no tempo da administração do comendador Olimpio, e ainda depois, entrava para a Imprensa, e saía dela, irregularmente, deixando provas sem revisão dias sucessivos, e fazendo-as muitas vezes rever por estudantes de preparatórios, seus comensais, de que andava quase sempre acompanhado dentro e fora do estabelecimento. As poucas horas, que se demorava na Imprensa, não eram ainda totalmente

aplicadas no serviço da sua obrigação, pois que diariamente passeava e conversava, durante bastante tempo, na sala da biblioteca e armazém do papel com o tesoureiro e fiel, António Maria Seabra de Albuquerque, e com pessoas estranhas ao estabelecimento, sendo uma das que mais frequentemente entravam nestas palestras o proprietário da folha denominada *Conimbricense*, Joaquim Martins de Carvalho, o qual estava ali de chapéu na cabeça, e tanto á sua vontade como poderia estar na própria casa...»

Como se vê, andava já aqui grande dose de política...

A exposição de Costa Alemão concluía assim, p. 46-47: «Fica sobejamente demonstrado que o revisor é réu, não só de uma simples infracção, mas de muitas a que o tem levado o desleixo habitual dos seus deveres.

E também, que a multa era indispensável para o fazer entrar no caminho, a que nenhum outro processo havia sido possível levá-lo.

E os atestados?(<sup>1</sup>).

Provam que obsequiou amigos?

Junte aos de mais o meu próprio.

Que tem aptidão e competência para bem rever?!

Ninguém lhas contesta; aplique-as que é a sua obrigação, e bem o precisa para compensar graves defeitos naturais sobre que não quero espraiar-me.»

Na verdade, a acção de Costa Alemão, na Imprensa da Universidade era bastante controvertida, tanto mais que em 14 de Junho de 1881, os compositores e impressores daquela casa apresentaram ao reitor uma exposição contra o Administrador por este haver despedido o tipógrafo Pantaleão Augusto da Costa, que durante 26 anos ali trabalhara.

Costa Alemão foi realmente demitido pela portaria de 29 de Setembro de 1881, assinada por Tomás Ribeiro e que rezava simplesmente: «Sua Magestade el-Rei há por bem exonerar o dr. Manuel da Costa Alemão, lente catedrático da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, das funções de administrador da Imprensa da mesma Universidade, que tem estado exercendo interinamente. O que assim se participa ao Reitor da Universidade de Coimbra para seu conhecimento e imediata execução.

Paço da Ajuda, em 29 de Setembro de 1881».

Costa Alemão interroga-se:

«Mas por que fui demitido? Porque a intriga e a inimizade pessoal, acobertada com o nome de política, se deram para isso as mãos». Em reforço da sua interpretação transcreve um passo

(<sup>1</sup>) Referência ao facto de Fonseca Pinto haver incluído no seu folheto as excelentes abonações prestadas por vários autores sobre os seus trabalhos de revisão e de que em 1885 voltaria a referir com maior abundância.

do jornal *O progressista*, ano 11.º, n.º 1055 (1): «Cego instrumento de vilíssimas intrigas, o sr. ministro do Reino exonerou das funções de administrador interino da Imprensa da Universidade o sr. dr. Manuel da Costa Alemão, nomeou para o substituir o sr. D. António da Costa, e mandou que, em quanto este não viesse tomar posse do seu cargo, exercesse interinamente essas funções o empregado mais graduado da Imprensa.

Antes de entrarmos nas largas apreciações que estes actos demandam, notemos que foram ilegais, tumultuários e abusivos, porque excedem todas as facultade legais do ministro que os praticou, e ofendem directamente e cruamente os direitos e a dignidade do Reitor».

Em 8 de Maio de 1882, Fonseca Pinto deu início na Imprensa da Universidade a uma escola de composição tipográfica que recebeu o título *Escola Pombalina da Imprensa da Universidade*; curso anexo à escola de composição e que tinha três secções. (Ver *O Conimbricense*, 6 de Maio de 1882, p. 3):

*Português*, curso prático, com leitura e gramática;

*Linguas vivias*, sobretudo francês e inglês;

*História e teoria da arte tipográfica*.

Os cursos eram obrigatórios para os aprendizes e facultativos para os filhos e parentes dos funcionários da Imprensa, sendo seus docentes os empregados mais qualificados deste estabelecimento.

Abílio da Fonseca Pinto passou, por decreto de 24 de Dezembro de 1885, a ser administrador vitalício daquela Imprensa e veio a falecer subitamente em Coimbra na noite de 10 de Outubro de 1893.

A biobibliografia de Fonseca Pinto é dada desenvolvidamente em Inocêncio, vol. 8, p. 2, e vol. 20, p. 68, e ainda por Joaquim Martins de Carvalho in — *O Conimbricense*, de 17 de Outubro de 1893.

\* \* \*

Fonseca Pinto, ao relatar a sua viagem a Lisboa dá-nos um elemento de extraordinário interesse histórico e humano: a primeira vez que ele viu um comboio! Estava-se então em Setem-

(1) De acordo com Armando Carneiro da Silva — *Jornais e revistas do distrito de Coimbra*, Coimbra, 1947, p. 110. *O Progressista* era o órgão em Coimbra do Partido Progressista Histórico, publicando-se de 30 de Novembro de 1871 a 25 de Fevereiro de 1883, tendo tido como directores, entre outros: Miguel Osório Cabral de Castro, A. L. de Sousa Henriques Seco, Bernardo de Albuquerque, Manuel de Oliveira Chaves e Castro, João Jacinto da Silva Correia, Trindade Coelho.

bro de 1863, e a linha férrea entre Lisboa e o Carregado tinha sido inaugurada em 28 de Outubro de 1856 com larga festa, como era natural (1).

E ele relata o acontecimento ao chegar aqui: «Passados poucos instantes estava no Carregado, na primeira estação do caminho de ferro que eu via e onde esperei perto de duas horas que chegasse o combóio. Logo que souo o silvo da locomotiva, acudiram os passageiros a postos; e eis-me correndo a vapor numa câmara elegante, comodamente estofada, com regalos que os antigos estiveram longe de imaginar... para as jornadas. Experimentei sincera alegria neste momento, porque sou entusiasta de todo o progresso e admiro a sério de prodígios operados pelo génio do homem. Todos os séculos inventam ou aperfeiçoam, e nenhum passa despercebido ou ingrato para a sociedade. É copiosa e variada a história das artes: inúmeros são os seus capítulos, múltiplices os seus géneros, e ainda não se lhe cerrou a última folha do livro!»

E ao chegar a Lisboa afirma:

«Nisto e noutras muitas cousas ia eu pensando quando o comboio chegou por fim a Santa Apolónia. Eis-me em Lisboa!»

Descreve-nos esses momentos e a sua ida para um hotel, clássico da época:

«Satisfeitas as requisições da polícia e da alfândega (2), metemo-nos num carro, que nos trouxe ao Hotel de Itália, magnífico palacete de José da Costa Pinto Basto, onde nos alojámos. Nas minhas leituras de infância já eu vira a litografia desta casa no antigo jornal *Universo pitoresco*, quando em frente ainda campeava o antigo chafariz de Neptuno, que foi demolido. É um hotel excelente, um palácio em toda a extensão da palavra. Tem grandes salas, escadaria e paredes de mármore com adornos de várias estátuas de tamanho natural. A posição é óptima, que se pode dizer no coração da cidade, pois fica no largo do Loreto em frente da igreja deste nome, que pertence à colónia italiana. Habitamos as salas de Juno, Apolo e Diana, outra sem denominação, que é o meu quarto, e o salão das Quatro Estações, que é a casa de mesa».

Eis uma natural admiração do provinciano, que conhecia bem a mitologia...

Em carta de 14 de Fevereiro de 1873, Fonseca Pinto ao dirigir-se a Gomes de Amorim, diz-lhe a propósito da casa onde este habita:

(1) PINTO, Abílio Augusto da Fonseca — *Cartas selectas*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1890, p. 142-143.

(2) Estava-se noutro país...

«O conselheiro Bartolomeu dos Mártires Dias e Sousa, que possui na Rua Nova do Carmo um excelente prédio, contíguo pelas costas às ruínas (do *Convento do Carmo*), tomou o terreno de arrendamento à Câmara, para que os inquilinos do quinto andar tivessem por aqui serventia e passagem para o Largo do Carmo. Em 1867 você, meu caro poeta, mudou-se para o quinto andar do prédio e tomou posse também do terreno e serventia. Houve então transformação completa; e a parte inferior unida com as casas foi logo ajardinada e convertida numa Sintra em miniatura, com tanquesinhos, repuxos, arvoredos e plantas raras de todas as zonas: um verdadeiro ninho de flores. A parte superior, que confronta com o público e que é mais vasta, também foi agora preparada, cortada de ruas imitam os jardins ingleses, e povoada de árvores de fruto e plantas de ornamento. Está convertida literalmente numa espécie de parquezinhos deliciosos, um pequeno eden, um oasis de verduras no centro das casas inúmeras da cidade. Neste ameno retiro se reúnem por vezes, pessoas notáveis da capital, políticas, literárias, artísticas e científicas, em convivência com o solitário das ruínas. E chamo-lhe «solitário», sim, porque os seus padecimentos o prendem dentro de casa, como que em cárcere forçado. Foi por este motivo principalmente, para lhe suavizar a prisão involuntária, que o conselheiro Bartolomeu dos Mártires renovou o arrendamento feito com a câmara municipal, e com largo dispêndio mandou despejar o terreno das pedras e entulhos que o obstruíam, oferecendo-lho depois, para que o aproveitasse como entendesse. Você, que também é primoroso artista, correspondeu a tão delicada fineza com uma metamorfose admirável, fazendo surgir daquele chão inculto um formoso jardim, emoldurado nas pitorescas ruínas que o circundam. Uma elegante gradaria de ferro com o seu portão o adorna pelo lado do Carmo».

1

1 de Janeiro de 1871

Ill.<sup>mo</sup> Ex.<sup>mo</sup> Snr.

Pelo nosso excelente am.<sup>o</sup> Sr. José Frederico Laranjo (1) soube que V. Ex.<sup>a</sup> me fizera a fineza de pedir a seu primo o sr. Hernani Braga (2) para este vir a minha casa, honra que já recebi duas vezes e pela qual me apresso a beijar-lhe as mãos. Não imagina a satisfação que meu deus com este favor! Eu vivo mais com artistas do que com homens de letras, e seu primo não

se aprecia só pelo grandíssimo genio musical de que é dotado; faz-se também querido pelas suas optimas qualidades, e o seu rosto franco e sympattico ganha logo todas as vontades de quem o vê pela primeira vez.

Agradeço a V. Ex.<sup>a</sup> com vivo reconhecimento, não só este obséquio mas também outro, que há tempos quiz fazer-me, e que embora se não chegasse a realizar, prova uma benevolência que m.<sup>to</sup> me honra e de que me orgulho.

Se V. Ex.<sup>a</sup> vier alguma vez a Lisboa, ou se desta terra necessitar alguma coisa, peço-lhe que se lembre de que tem aqui mais um creado que deseja provar-lhe que é

De V. Ex.<sup>a</sup>am.<sup>o</sup> dedicado e gratissimoLisboa, Largo do Carmo  
em 1 de Janeiro de 1871

F. Gomes de Amorim

2

13 de Fevereiro de 1871

Lisboa 13 de Fevereiro de 1871

Meu prezado am.<sup>o</sup>

O meu silencio attenta, que não tenho tido boas noticias p.<sup>a</sup> lhe dar nem as tenho ainda hoje, que estou gemendo com grandes vertigens (*sic*); mas careço de vez em q.<sup>do</sup> cortar a monotonia do meu padecer e por isso venho conversar um pouco.

Agradeço-lhe a sua carta de 31 passado e as explicações que nella me da sobre os motivos de preferencia de *Figados de Tigre* (3) p.<sup>a</sup> o theatro academico. Como depois da recita (4) não escreveu, nem o Laranjo me disse coisa alguma, imagino que tal seria a salsada! Deixal-as! não é sobre o *Figados de Tigre* que eu me embarcaria jamais p.<sup>a</sup> a viagem ás regiões da litteratura dramatica. Pouco tenho feito, mas se tivesse feito só aquella peça, não a teria publicado. Digo-o sem modestia e sem orgulho tambem; porem, sabendo que *Figados de Tigre* ia dar-se em Coimbra, confesso-lhe que não gostei — e só fiquei tranquilo em vista das suas boas explicações.

Não lhe posso mandar já os *Cantos Matutinos* porque não tenho exemplar nenhum; mas espero enviar-lh'o cedo. Hoje mesmo digo ao Laranjo, que veja se desencanta em Coimbra um editor para me fazer 3.<sup>a</sup> edição dos *Cantos*, e a 2.<sup>a</sup> do *Odio de Raça* e das *Piadeiras* (?). Sei que hade ser difficil de achar; mas, aqui em Lisboa, os poucos que ha estão todos operados pela litteratura válida ou valida.

Pede-me o Laranjo que lhe mande pelo correio o livro do Romero Ortiz (5), porque quer lê-lo e escrever sobre elle; diz-me que Voce tambem deseja malhar uma sapita no assumpto, e eu sinto deveras não poder mandar-lh'o agora. O exemplar, que tenho andado a ler, é de emprestimo; o livro custa 2000 réis e não me tem sobejado dinheiro para ter o prazer de comprar uma descompostura; mas, cedo ou tarde, não deixarei de fazer a aquisição da obra, e logo que a tenha a mandarei para que V.V. se divirtam, como eu me tenho divertido com tão insolita critica.

Adeus escreva-me quando poder e creia o que sou de todo o coração

Seu amigo gratíssimo

F. Gomes de Amorim

3

15 de Fevereiro de 1871

Lisboa 15 de Fevereiro de 1871 — 12 h. da manhã

Meu bom amigo

O dever de agradecer imediatamente tudo quanto me diz na sua prezadissima carta, recebida agora mesmo, não me permite adiar a resposta dela e a manifestação sincera do meu profundo reconhecimento. Sei que devo à sua grande bondade os imerecidos louvores que me dirige, mas, ainda assim, desvanço-me com eles — com todos os sentimentos — exagerados ou não que consigo inspirar aos homens honrados e inteligentes, como o meu excelente amigo.

Foi a simpatia quem lhe ditou as frases benévolas, que me comovem (?), e creia que me vanglorio de merecer pelo meu carácter o que de certo me não alcançariam jamais os meus modestos escritos, embora seja a eles que você quer ter a condescendência de attribuir a afeição por que eu lhe sou gratíssimo.

Conheço-me bastante como escritor; não posso ser mestre de ninguém, quanto mais do meu ilustrado amigo! Todavia, espero que a minha probidade sincera, na vida literária e foi dela, resgatará as faltas dos meus pobres trabalhos, nos quais nunca tive o pensamento de preverter os que me lerem. Posso parecer-lhe vaidoso, orgulhoso, ou presumido da minha honra? Embora! Antes disso do que uma (?) litteratura, como injustamente me acusa o Romero Ortiz. E a culpa, se a tenho, não minha; é do tempo em que vivemos. Se já se considera distincção o não ser hoje condecorado, porque não há-de o homem de bem alardear ou ostentar o seu viver immaculado no meio da desmoralização e do cinismo que o cercam? Penso, porém, que não faço ruído, aponto de incomodar os outros, e, sobretudo, desejo não ser conhecido, julgado e apreciado, senão pelos meus verdadeiros amigos. Escrevo-lhe todas estas coisas ao correr da pena, como desafogo, mas de um desejo de que faça jamais uso delas. Se alguma vez tiver a fortuna de lhe poder dizer pessoalmente o que penso e sinto, serei menos vago e nebuloso do que agora, que estou escrevendo com muito custo por causa das malditas vertigens. O meu maior mérito, se algum posso ter, é ser profundamente agradecido aos que, como o meu bom amigo, se dignam acompanhar-me affectuosamente pelo caminho do meu Gólgota. A gratidão destoa, no século de egoístas e de ingratos, em que vivemos, e é por isso talvez que os raros que as têm e apregoam, para se extremarem da multidão. Deixe-me pois dizer-lhe, com o coração nas mãos, como diz o bom povo, que as suas cartas me consolam a alma e que são dos meus melhores dias aqueles em que as leio.

Espero que leia e que escreva do Romero Ortiz. O que vale o seu voto? Vale sempre muito o voto ilustrado de um homem de bem e talvez que os homens como o meu amigo tenham alguma culpa do desvairamento da opinião publica por se absterem de a guiar frequentemente. Os tratantes, em geral, são quem dirige o mundo; resta saber se temos direito de nos queixar, visto que lhes não queremos disputar o terreno, atirando-os para a obscuridade onde nos metemos a nós. Isto não são assuntos para cartas; à vista, haveria muito que dizer...

O Hernani esteve aqui antes de ontem e creio que se divertiu menos mal, porque dançou à farta e até se mascarou, com outros rapazes da idade dele! (Mascarou-se com vestidos e trapos das minhas criadas!). Feliz idade e feliz talento os dele! Aqui reúnem-se algumas pessoas da minha amizade, desde o começo do ano, para fazer musica, com o piedoso intuito de se divertirem e me divertirem a mim; o Hernani vem sempre que pode; e eu distraio-me muito quando os vejo alegres. Ah! meu amigo, nada há que anime tanto a gente como ver folgar a mocidade! mas



é triste dizer-se: «Assim fui eu já!» O que quer dizer: «já não sou!»— Desejava bem acompanhá-lo ao Porto, mas o meu estado não mo permite. Desejo que se divirta muito e peço-lhe que faça os meus muito affectuosos cumprimentos à Ex.<sup>ma</sup> mãe do nosso Hernani e a todos os seus.

Abraço-o como seu muito do coração

*F. Gomes de Amorim*

4

16 de Fevereiro de 1871

Lisboa 16 de Fevereiro de 1871

Meu presadissimo Amigo

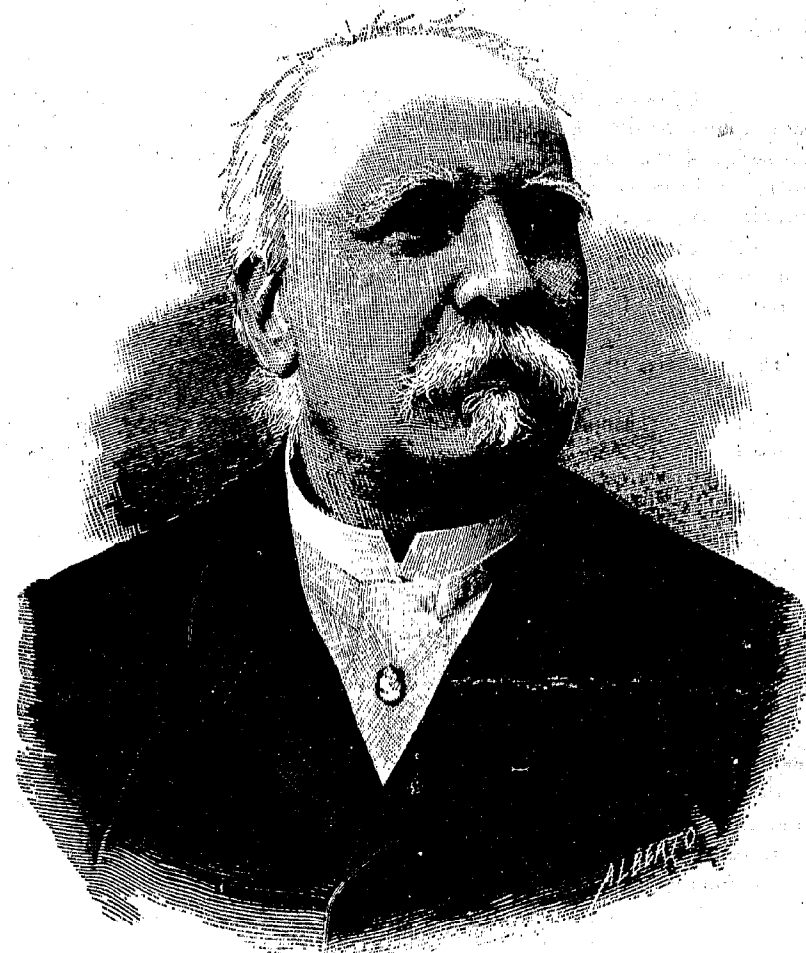
Respondendo ao seu favor, que muito do coração lhe agradeço, aqui lanço os pontos capitais que poderão servir de base à discussão das condições para se editarem em Coimbra os meus livros.

1.º Tomando pela primeira vez um editor, deve assentar-se que ele editará de hoje em diante todas as minhas obras, tanto as más como as menos más, as inéditas e as já impressas, que estejam esgotadas.

2.º De cada edição primeira receberia 50 exemplares, 20 de cada segunda ou 3.ª, e 10 das que porventura se façam da 3.ª em diante, se tal prodigio se realizar.

3.º Por cada volume, que será sempre de mais de 250 páginas, dar-me-à e editor cento e cinquenta mil réis, em prata ou ouro, podendo tirar até 3000 exemplares; daí para cima dar-me-à mais 50\$00 réis por cada mil exemplares. Isto é, para volumes de prosa ou verso, que não sejam obras teatrais. Por cada volume de teatro dar-me-à 100\$00 réis, com as condições já ditas. Se as tiragens parecerem muito grandes, diminuiremos as cifras nas proporções delas. Poderão afigurar-se muito exagerados estes algarismos para as 2.ª e 3.ª edições, mas também eu não daria por menos de um conto de réis cada volume relativo ao Garrett <sup>(a)</sup>, para os quais já tenho ofertas do Porto, nem daria os 2 do *Cedro Vermelho* por 500\$000 réis, se tivesse de negociar unicamente essas impressões.

(a) Garrett, *Apontamento. Biographias e criticas* por F. Gomes de Amorim, 2 vols. (Nota do proprio).



FRANCISCO GOMES DE AMORIM

Gravura de E. Caetano Alberto (revista *Ocidente*), vol. XIV, n.º 465, Lisboa, 21 de Novembro de 1891, p. 257).

4.º Durante o nosso contrato não poderia editar por minha conta, nem vender a terceiro, edições de algumas das minhas obras e o contrato será obrigatório para ambas as partes enquanto, judicialmente, se não prove que houve má fé ou falta de alguma delas.

5.º O editor pagar-me-á a quantia estipulada por cada livro, logo que este lhe seja entregue pronto para imprimir-se, escolhendo-se as obras que primeiro devam publicar-se por acordo amigável entre os interessados e não poderá tirar mais exemplares do que aqueles que deverá tirar, em harmonia com o artigo 3.º.

6.º O editor obrigar-se-á a editar, pelo menos, três volumes por ano, podendo, se lhe convier, editar todas as outras que o autor apronte, além dessas três, durante os referidos períodos.

7.º As primeiras edições serão da 3.ª edição dos *Cantos Matutinos*; primeira edição do *Cedro Vermelho*, drama de costumes brasileiros com *notas*; e uma comédia traduzida do francês, no fim do 2.º volume (se couber), porque as *notas* são numerosas e por isso se divide a obra em dois tomos; após estas duas edições, seguir-se-ão as 2.ªs do *Ódio de Raça* e das *Incógnitas do Mundo e Herdeiros do Milionário*.

8.º Os formatos serão os mesmos do teatro, já publicados pelo autor.

#### Artigo transitório

Se a experiência demonstrar que alguns dos presentes artigos são inexequíveis, modificar-se-ão por acordo amigável de ambas as partes.

Eis aqui meu amigo o que me ocorreu agora escrever, porque nunca tinha pensado em ter um editor, que é quase a *rara avis*, na nossa terra.

Aconselhe-me V. e modifique o que achar aqui mau ou absurdo. Eu entrego-me nas suas mãos, e dou-lhe plenos poderes para tratar, em meu nome; sendo prudente que não leia isto ao Melquiades, mas que tenha a bondade de copiar os artigos, com as alterações que lhe sugerir a sua discrição e prudência, a fim de lhe ficar, esta cópia. Eu não posso deixar cópia cá, porque nem tenho forças para a tirar, nem tenho agora quem mo faça e não quero demorar a resposta.

Convém-me ter aí editor pois não posso editar por minha conta, não posso rever provas, nem tenho quem mo faça e por isso o generoso oferecimento que Você me faz é tentador e resolvo-me a entrar em transacção, se as condições do homem forem

aceitáveis. Em todo o caso autorizo-o a tratar isso como para si; dou-lhe carta branca, porque tudo fio da sua prudência.

Hernani esteve aqui ontem e volta hoje.  
Receba um afectuoso abraço do seu muito grato amigo do coração

F. Gomes de Amorim

5

13 de Março de 1871

Não lhe tenho agradecido o mimo do seu retrato porque tenho passado pessimamente. Hoje lhe escrevo apenas algumas linhas porque continuo bastante incomodado. O retrato está óptimo, como fotografia; como semelhança não posso ainda dizê-lo e sinto muito que me não dê certeza de vir breve a Lisboa. A sua carta fala-me de um motivo doloroso, que pode impedir ou permitir a sua vinda, qual é? Não tome a minha pergunta como indiscreta ou curiosa; é ditada pela amizade sincera que lhe consagro.

De todo o coração lhe agradeço o seu retrato e logo que tenha outro meu, de que mandarei tirar algumas provas, lho mandarei também.

Hernani esteve aqui ontem e está óptimo.

No sábado, apesar do meu mísero estado, arrastei-me até um camarote do Teatro da Trindade, onde fui ver escorchar o *Ódio de Raça* por uns curiosos, em benefício das feridas de guerra. Foi uma récita que me fez pena, pelos que a desempenharam; e contudo alguns deles tinham talento, mas não houve quem os ensaiasse e daí resultou uma desafinação atroz!

Saudades ao Laranjo. Como vai ele, Adeus; receba um abraço do

Seu amigo do coração

Lisboa 13 de Março de 1871

F. Gomes de Amorim

P. S. — Depois de assinada esta, entrou o correio com a sua de ontem que muito lhe agradeço.

As observações que me faz do Romero Ortiz são exactíssimas em tudo. Tenho a mesma opinião que o meu amigo e vi o livro

do mesmo modo. Sinto que não se resolva a dizer alguma coisa na imprensa. Creia que fazia um bom serviço. Olhe que há-de haver muito quem lia por aquela cartilha e era quase obra de caridade dizer-se a verdade ao público ilustrado. Resolva-se.

Sinto o que me diz do Laranjo com relação à gente da *Folha*.

Eu não moro na Rua do Almada, mas sim na Rua Nova do Carmo; creio ter-lhe mandado um bilhete, mas aqui vai outro para o caso de se ter perdido o primeiro. Não conheço o seu amigo Lucas Falcão, nem admira; não saio nunca e não vejo senão quem vem a minha casa. O resto da gente de Lisboa é quase desconhecida para mim.

Aceito a promessa de que passará comigo todo o tempo que tiver disponível quando vier e desde já lhe agradeço. Oxalá que esse motivo de impedimento, se isso lhe é conveniente, para que venha breve.

Admirador seu do coração

*F. Gomes de Amorim*

6

22 de Março de 1871

Lisboa 22 de Março de 1871

Meu amigo

Deve, como sempre, atribuir o meu silêncio à minha grande falta de saúde, que é cada vez maior, e nunca a esquecimento ingrato.

Escrevo-lhe hoje apenas algumas linhas para lhe pedir notícias do seu querido doente, e para lhe afiançar que tomo vivíssimo interesse por todos os que lhe são caros e faço sinceros votos para que o seu bom coração não seja ferido pela horrível dor que teve.

Cumprimentos de todos os meus e creia-me muito do coração

Seu amigo gratíssimo

*F. Gomes de Amorim*

*P. S.* — Saudades ao Laranjo, de quem recebi há dias uma carta. Cedo responderei.

7

13 Abril de 1871

Meu querido amigo do coração

Lisboa 13-4-71

Recebi a sua prezada carta, com data de ontem, e vejo que o estado da sua alma é ainda o mesmo; nem podia deixar de ser assim estando ainda tão recente o facto que tão dolorosamente o feriu. Para essas dores só tempo traz o possível remédio e seriam puras banalidades todas as palavras que eu lhe escrevesse tendentes a aliviar a sua saudade. Feliz, contudo é o meu amigo por que tem a suprema felicidade de possuir crenças vivas!... Têm passado saber a minha vida tantas e tais tempestades, que me deixaram o espirito num estado de lastimosa confusão; eu tenho horror ao materialismo, creio firmemente na existência de Deus, e, todavia, sou infeliz porque me perco num dédalo obscuro de interrogações e duvidas! A ideia do aniquilamento total aterra-me e custa-me a aceitá-la, faltam porem a força de crer o que me ensinaram em pequeno, e apesar de eu ser ainda *dos que rezam a occultas*, pergunto-me muitas vezes — se realmente Deus olhará para mim e se ouvirá o que eu lhe digo?! Não se espante desta confiança, que, confesso, não faria a todos; eu fui atirado impetuosamente do meu berço de inocência e ignorância para o seio duma sociedade tão corrompida (?) e descrente, que, sem querer, adquiri parte dos vícios dela à custa do que eu tinha de melhor, da mais bela herança que recebera da minha mãe — a fé —. No meu espirito há um tal misto e confusão de crenças e dúvidas, de esperança e desalento, de trevas e de luz, que ingenuamente lhe afirmo que me não conheço! Confio quando penso nestas coisas, que se existe outra vida, além desta a divina Misericórdia me perdoará os erros em que outros me lançaram contra minha vontade. Verá, se alguma vez tornarmos a estes assuntos, que eu sou um acerbo (?) de contradições e incertezas, não me valendo nem a retidão do meu carácter em tudo mais, nem a minha lealdade e boa fé, para me libertar das teias de aranha que me povoam o cérebro quando se trata de crenças religiosas! Pareço uma criança estragada no começo da sua educação! Oxalá que o meu espirito se restabeleça desta doença, que em tempos não remotos me levaria às fogueiras da santa Inquisição e que ainda hoje me perderia no conceito público, se fosse sabida. Acaba-se o papel e a dissertação parvoa (?) com que o ?; será uma distracção para a sua dor, e guarde isto só para si.

Abraça-o como seu amigo do coração

*F. Gomes de Amorim*

## 8

14 de Abril de 1871

Meu querido amigo Abilio (?)

Parce-me que é tempo de pormos de parte o ceremonial e tratarmo-nos como amigos? Pelo menos são estes os meus desejos e os de minha família.

Agradeço-lhe muito do coração o mimo dos seus retratos, de sua Ex.<sup>ma</sup> Esposa e dos seus dois filhinhos, sentindo que não me pudesse mandar retratos de todos — espero que quando tiver os dos outros meninos me faça o favor de se lembrar de nós. Não agradei logo porque tenho passado bastante incomodado e tenho tido uma sobrinha doente, que me tem dado cuidado.

Minha mulher envia muitos affectuosos cumprimentos para V. Ex.<sup>a</sup> e toda a sua Ex.<sup>ma</sup> família a quem eu igualmente me recomendo com verdadeiro affecto; e pondo o meu inútil préstimo à disposição do meu bom amigo assino-me com estima

Seu grato amigo e criado

Lisboa 14 de Abril de 1871

*Francisco Gomes de Amorim*

## 9

2 de Maio de 1871

Meu prezado Amigo Abilio (?)

Lisboa 2 de Maio de 1871

Recebi e agradeço os seus últimos favores, a que não respondi logo porque, como já sabe, nem sempre posso escrever quando quero. Tenho passado pessimamente com o extemporâneo calor que tem feito aqui.

Agradeço tudo quanto me diz, sem mesmo esquecer o epigrama que se refere aos retratos de toda a minha família, conce-

didados aos que têm comigo mais recentes relações do que o meu amigo. Lisonjeia-me neste ponto, como em tudo mais. Não lhe mando agora um dos tais retratos porque não tenho nenhuma prova; mas vou mandar tirar meia duzia delas e logo que venham satisfarei o seu desejo. Advirto-o porém de que são retratos de há seis anos e que por consequência os pequenos fazem grande diferença; se as mandei a seus primos foi por me lembrar que quem tem crianças aprecia estas coisas mais do que quem as não tem.

A respeito da apresentação de Hernâni ao imperador do Brasil e do pedido para este ir ao convento, tratarei de fazer com que se realizem os desejos do nosso amigo e seu primo: Tenho aqui um amigo que é o cônsul geral do Brasil, Porto Alegre, que me parece pessoa competente para o efeito por ser amigo pessoal do imperador. Em tudo que eu possa, por mim ou pelos meus amigos, contem sempre com a minha boa vontade.

É isto que o meu amigo pode mandar dizer ao pai do Hernâni; e diga-lhe também, que quando quizer alguma coisa de mim não lhe peça a V. que lhe faça minutas para as cartas; que me escreva, *num estilo de amigo franco e chão*, que é o que mais me agrada. Ele já não carece de empenhos para a minha humilde pessoa, com quanto eu devesse lisonjear-me de que ele recorresse sempre à intervenção do meu caro Abilio porque deste modo afigurar-se-me-ia que obrigava a dois... incomodando-os ambos! Mas o pouco que eu possa fazer perderia o valor a meus próprios olhos se tivesse de ver-me perdido com essas formalidades!

Sinto que as suas cartas me não tranquilizam ainda a respeito do seu estado e custa-me aperceber o desânimo em que o vejo! Um homem de crenças vivas, um filósofo de boa tèmpera, que deve estar sempre preparado para todos os sucessos desta vida transitória, curva-se à dor como aqueles que nada vêem além da campa! Já pagou o tributo à natureza e é tempo de pensar que nós não nascemos só para chorar a perda dos que amámos; vivamos largamente, imitando-os no culto das virtudes e no cumprimento dos deveres e no cumprimento dos deveres que a sociedade e a religião impõem a todos as consciências honradas; só assim preencheremos a nossa missão na terra.

Adeus, meu bom amigo, abraça-o como

Seu verdadeiro amigo do coração

*F. Gomes de Amorim*

10

9 de Junho de 1871

Meu prezado amigo

Agradeço tudo quanto me diz na sua estimada carta de 5 do corrente; sentindo não me ter achado em condições de merecer os protestos de reconhecimento que me envia. Que fiz eu para que o meu amigo me agradeça? Infelizmente nada posso e o meu misero estado de saude nem sequer me permitiu recebe-lo como eu desejava. A sua bondade desculpa tudo e eu apenas me posso justificar, à vista dos seus agradecimentos, afirmando-lhe, que se tivesse saude poderia talvez provar-lhe que sou seu amigo.

Muito estimo que encontrasse sua Ex.<sup>ma</sup> mãe com saude, e os seus amigos igualmente. Eu tenho passado cada vez pior e estou a escrever-lhe com bastante sacrificio, por isso não me alargaria muito.

O Pedro Rocha esteve aqui antes de ontem e por ele soube que os seus negócios se não têm adiantado, o que deveras sinto.

O Chaves recomenda-se muito affectuosamente, assim como a Ex.<sup>ma</sup> Senhora D. Maria Augusta, e o Cordeiro, que está melhor e teve pena de não o ver.

Mil saudades de todos os meus para o meu amigo e para o seu pequeno Abilio, saudades ao Laranjo, e um abraço do seu amigo do coração.

*F. Gomes de Amorim*

P. S. — O Cândido mandou a *Folha*, mas só a 2.<sup>a</sup> parte (?).  
Agradeço-lhe.

P. S. — Que lhe disse o Crespo da minha carta e das minhas opiniões? Não gostou?

11

28 de Julho de 1871

Meu prezado amigo Abilio

Não esfriou por minha parte a nossa amizade com a sua vinda a Lisboa. Não lhe tenho escrito porque não tendo coisa importante para lhe dizer, e achando-me cada vez mais impossibilitado de escrever não o faço senão por necessidade. Há muito tempo que deixo sem resposta quase todas as cartas que recebo

e a sua ilustre compatriota D. Amélia Janny disse estar muito contente comigo, que lhe devo já duas respostas. Há bastante tempo e ainda hoje lhas não dou! Se a vir, dê-lhe saudades minhas, e que desculpe as minhas faltas ao doente, porque não lhas faz o amigo.

Tenho tido a Maxima (?) com uma pneumonia. Já se levantou, mas recrudescer-lhe a tosse de um modo terrivel e incómodo para ela e para quem a ouve tossir.

Dei os seus recados à vizinha D. Maria Augusta, que, lhe retribui, bem como as de mais amigos todos.

Sinto que os seus negócios não tenham chegado ainda a bom termo e desejo que cheguem breve. Saudades de todos os meus para si e o seu Abilio, e minhas igualmente. Para aqui porque não posso mais e manda-lhe um abraço o seu amigo do coração

Lisboa 28 de Julho de 1871

*F. Gomes de Amorim*

No verso da carta aparece a seguinte conta, talvez do Abilio

	7:595	14:400
		4
		<hr/> 57:600
Mesadas (4 meses)	57.600	
Mestres (4 meses)	19.900	
Matriculas	4.610	
Propinas	240	
Certidões de Évora	180	
Certidões de Coimbra	240	
Mais certidões	360	
Selos	120	
Sapatos e botas	3.500	
	<hr/> 86:750	
	68:445	
	<hr/> 18:305	
	30:000	
	<hr/> 11:695	
	4:800	
	<hr/> 6:895	

12

27 de Setembro de 1871

Meu caro Abílio

Passo cada vez pior, sobretudo de noite, que não posso dormir! Por esse motivo lhe escrevo apenas algumas linhas.

Mande-me as folhas que forem saindo do seu livro; veria se vem alguma aberta que me permita fazer o que tanto desejo.

Tudo quanto diz do Rebelo é verdade. A sua morte deixa uma grande lacuna, sobretudo na minha vida. Vivemos como irmãos por espaço de vinte anos, e mais de doze estudamos juntos. Imagine pois o que eu sofreria com tão triste acontecimento!

Escreva-me sempre, que pode mais do que eu. Saudades de todos os meus e um abraço do seu amigo do coração

Lisboa 27 de Setembro de 1871

*F. Gomes de Amorim*

13

19 de Novembro de 1871

Meu caro Abílio

Ao tempo que eu recebia hoje a sua estimada carta de ontem, devia Você receber aí a minha. Agradeço-lhe do coração tudo quanto me diz e devolvo as cartas em que estão as bases das condições. Repito-lhe, que faça o negócio como para si, modificando o que entender, que eu a tudo subscrevo; porque, como digo na minha de ontem, e agora confirmo e amplifico, tenho não só necessidade mas vivíssimos desejos de continuar com as minhas publicações e não estou em estado de as tentar por minha conta tão cedo. Resolva pois qualquer dúvida, visto que julga a empresa capaz, que eu dou por bem feito tudo quanto Você fizer. A questão é começar já; e, no caso de convir aos editores, começaremos pelo *Cedro Vermelho*, que é dedicado ao imperador do Brasil e eu queria tê-lo impresso quando ele regressar, em Fevereiro. São 2 volumes, e as *notas* parece-me que farão boa venda ao livro, não só no Brasil como também em Portugal.

Quanto ao pedido de eu auxiliar a empresa no Brasil, farei sempre o que me for possível, mas não me obrigo por esse lado a coisa alguma porque não me caiba a menor responsabilidade.

Isto deve ficar bem claro. Só pelos exemplares que forem para o Pará, sendo remetidos a pessoa da minha confiança, e nunca mais de 100, podem responder, sem contudo me obrigar à venda (que todavia considero certa).

Mas ainda assim, não admito isto a figurar como condição. É claro que tenho o máximo interesse de que os meus livros se vendam bem, e nesse sentido diligenciarei quanto puder promover o consumo, sempre sem obrigação. Não pode, porém, a imprensa pôr em dúvida a minha conveniência em auxiliar a extração das minhas obras e por isso não há que falar em condições por esse lado.

Já encontrei a sua carta que ontem lhe dizia ter perdido, mas não tem coisa que exigisse resposta explícita.

Saudades ao Laranjo e veja de quando me responder me dá boas notícias do negócio, que só à sua amizade deveria.

Minha mulher continua passando mal; aos seus padecimentos, acrescem outros de gravidez, que vieram complicar os antigos e a minha situação!

Eu passo pessimamente. As pequenas e Chico, bem; e todos nos recomendamos muito afectuosamente ao meu bom amigo, ao seu pupilo e ao Laranjo.

Abraço-o como  
seu amigo do coração

Lisboa 19 de Nov.º de 1871

*F. Gomes de Amorim*

14

18 de Novembro de 1871 (?)

Meu caro Abílio

Sumiu-se no meio da papelada a sua última carta e por mais que a tenha procurado não foi possível achá-la! Penso todavia que não tinha coisa essencial de que devesse responder-lhe logo,

porque não tenho memória senão de alguns dos assuntos que nela tratava.

Escrevo-lhe hoje para lhe pedir o favor de saber se o Melquiades ainda quer entrar no negócio de editar a 3.<sup>a</sup> edição dos *Cantos Matutinos*. Não me acho em estado de tratar por agora das minhas outras publicações e constaram-me aqui — pedia *Cantos*, por isso resolvo vender a 3.<sup>a</sup> edição ao primeiro que me ofereça razoáveis vantagens. Faça-me pois a fineza de saber se ele quer e com que condições: Eu nada proponho. Mas isto, a fazer-se, há-de ser imediatamente pois estou precisado de dinheiro e farto de procurar um exemplar dos *Cantos*, em bom estado, para dar ao Imperador do Brasil, que me pediu com todos os meus livros, e que eu não queria comprar. Veja pois se me faz o favor de tratar isto, com Melquiades ou outros. Não se me dava também o fazer o volume — *Fructos de Vário Sabor*, que consta das *Rozeiras do Amor*, publicados na *Folha, Vitória de um Rouxinol* e *Aventuras de um Caranguejo*, que o Laranjo tem lá, juntamente com *Cenas da Idade Média*, inédito, e mais alguma coisa, inédita, que fosse necessária para completar um volume de trezentas a 400 páginas, formato do meu teatro, que é a única condição que ponho.

Aqui não me convem ter editor por que isso fechava-me a porta ao sistema que segui até hoje de abrir uma assinatura quando tenho necessidade de ganhar mais alguns tostões e eu não desejo perder *Ciro* (?) por isso não tenho tentado vender livros para editor em Lisboa. Entretanto, como agora estou com absoluta necessidade de fazer alguma coisa, pode ser que me resolva, se aí ou no Porto nada conseguir.

Que é feito do Laranjo e do Prólogo? Dê-lhe um abraço meu, receba outro para si, mil saudades dos meus para Vccê e o seu Abilinho e creia-me bem do coração.

Seu amigo  
grato

F. Gomes de Amorim

P. S.

E os seus livros?  
E as folhas, que  
ficou de mandar-me  
E o Instituto?

15

24 de Novembro de 1871

Respondo no mesmo dia porque as condições da imprensa não carecem de grande meditação. Se um autor vende as edições das suas obras é porque necessita de dinheiro e não quer ou não pode fazê-lo por sua conta; mas vender para que os que vão ganhar dinheiro à custa dele só depois de embolsados de suas despesas paguem ao pobre escritor a misera parcela que lhe toca, é um absurdo em que espero não cair. Com quanto Você me diga que as condições da empresa são ainda para se abrir discussão, penso que eles não lançaram o artigo 5.<sup>o</sup> (de pagarem as quantias estipuladas oito meses depois de receberem os manuscritos) para chegarem a qualquer acordo porque eu não faço venda de edição alguma senão recebendo o dinheiro à entrega do manuscrito. Oito meses depois da publicação da 2.<sup>a</sup> edição dos *Cantos* e 1.<sup>a</sup> das *Efemeras*, tinha eu ganho um conto e novecentos mil réis — livres de todas as despesas com aqueles dois livros.<sup>(a)</sup>

Devolvo-lhe a minha carta, de que já tinha tirado cópia; a questão do artigo 5.<sup>o</sup> é tão capital que me parece inútil discutir os outros pontos. Todavia direi, que a condição de só publicar dois volumes por ano é também inaceitável: um homem doente e sem meios, como eu, publicou seis volumes em seis meses, e uma empresa precisa de seis para um volume?! — Se a empresa quer imprimir somente alguns dos meus livros depende de outro ajuste; mas eu não posso nesse caso obrigar-me a esperar seis anos para publicar 12 livros; devo ficar com direito de fazer outras edições por minha conta ou recorrer a outros editores porque tenho necessidade de sair com as minhas obras. Enfim se quiserem abolir os oito meses, substituindo pela entrega do dinheiro á recepção do manuscrito, pode ser que alguma coisa façamos; do contrário, é preciso remarmos por outro lado.

Agradeço-lhe todo o seu favor e boa vontade e rogo-lhe que vá sempre vendo se acha quem me faça já uma 3.<sup>a</sup> edição dos *Cantos Matutinos*.

Saudades de todos os meus e um abraço do

seu amigo do coração

Lisboa 24  
de Novembro de  
1871

F. Gomes de Amorim

(a) Posso prová-lo com o meu livro de contas.

30 de Dezembro de 1871

Meu caro Abilio

Não respondi logo ao seu estimado favor porque tenho estado muito abarbadado (?) com uma comédia carnavalesca, que me pediram para o teatro de D. Maria 2.<sup>a</sup> e que eu caí em prometer. Já a entreguei; e é das tais que o Laranjo me não perdoa!

Fui a Setúbal, à inauguração do Bocage, e apanhei uma carga de chuva, que conjuntamente com a estafa, me deixou bastante amarrotado. Todavia, podia ser pior.

Sinto que tenha tido sua boa mãe doente e faço sinceros votos pelas melhores dela e pela tranquilidade de espirito do meu bom amigo. De todo o coração lhe desejo, que o ano próximo seja mais propício para o meu amigo, e os seus, do que este que amanhã finda e que tenha tido festas menos tristes do que me indicava a sua carta.

O sr. comendador Olimpio Nicolau Rui Fernandes (6) fez-me o favor de me aparecer aqui no domingo a fim de conversarmos sobre a impressão das minhas obras na Imprensa da Universidade. Ele mostra-se muito disposto a obsequiar-me; porém como me fala apenas na diferença de 5 % é provável que nada se faça. Todavia agradeço ao meu amigo e a ele a boa vontade. Ele ficou de me escrever de Coimbra ainda sobre o assunto.

O nosso bom poeta Cândido de Figueiredo (7) faz-me a fineza de vir passar uns três dias em nossa casa, ainda que me custou a alcançar dele esta prova de confiança. Hoje parte para Castelo de Vide, onde vai encontrar-se com Laranjo e outros. Desejei convencê-lo a ficar até dia de ano bom, mas não pude conseguir que adiasse a ida. É um moço agradável, muito modesto e de verdadeiro talento. Parece-me que há-de ir longe.

Adeus, meu caro Abilio, mil afetos de todos os meus, para Você e para sua boa mãe e primo; saudades dos amigos, da Virinha D. Maria Augusta e um abraço do

Seu amigo do coração

F. Gomes de Amorim

Lisboa, 30-12-71

(No verso encontra-se esta nota de mão diferente da de Gomes de Amorim:)

## Jornalismo de Coimbra

## I

*Photographias politicas*

Joaquim Martins de Carvalho, Antero de Almeida, José Alberto Corte Real, Manuel António da Silva Rocha, José de Moraes, Pedro Penedo, António Seco Mendonça Cortez, Luís Jardim, Manuel Emídio Garcia, Joaquim Gualberto Soares.

## II

*Miniaturas litterarias*

Chaves, Pais, Vaz (Revista de Legislação?), Serpa, Cândido de Figueiredo, Joaquim (?) Crespo, Júlio de Vilhena, Luís Carlos, Filipe Simões, Simões de Carvalho, Simões de Castro, Amélia, Laranjo, Soares Aratijo.

Autores das memorias.

## 17

17 de Fevereiro de 1872

Meu caro Abilio

Tendo continuado sempre incomodado bastante e não tendo além disso falado ainda com Porto Alegre, a quem tinha escrito sobre o pedido para o Hernâni, adiei até hoje a resposta que lhe devo a duas cartas.

Eu não me tinha esquecido; já quando veio o imperador a Lisboa, tinha eu falado ao Porto Alegre; mas este alegou então a pouca demora de D. Pedro e como vi tinha razão não insisti. Agora escrevi-lhe com vivo empenho e ele respondeu-me que estava com uma *bronquite* e que apenas pudesse sair vinha falar-me.

Veio hoje e recusou-se formalmente. Disse-me que eram sem número os pedidos que tinha para espectáculos e concertos; que o imperador prometera ir a um concerto de um pianista brasileiro (Signori), mas que talvez nem a esse fosse; que apenas se demoram no Porto 2 noites, sendo uma para ir ao Teatro de S. João e que talvez nem passasse do Porto por não ter tempo. Em resumo:



recusou-se e tapou-me de tal modo a boca com as razões que me deu que eu não pude insistir!

Se o Hernâni vai para o Brasil no mesmo vapor que vai o imperador, como já ouvi dizer, facilmente se arranjará a apresentação a bordo. De outro modo, me parece fácil; e confesso, que, apesar da muita boa vontade, não posso eu consegui-lo. Bem pode crer se o desejaria servir, sendo como sou amigo do Hernâni; mas nada posso, infelizmente! Ainda se eu estivesse em estado de ir ao Porto, talvez que no caminho de ferro tivesse meio de falar a alguém, que apresentasse o Hernâni; mas eu não estou capaz de ir nem mesmo ao largo do Carmo, onde é a minha casa. Era preciso ir daqui em comboio em que vai o imperador e eu nem antes nem depois posso! Vejam pois se remam por outro lado enquanto é tempo; e faço votos para que o consigam.

Desejo que tenha passado bem, que sua Ex.<sup>ma</sup> mãe esteja melhor e recomendo-me a todos os seus. Muito afectuosamente e ao meu bom amigo como

Seu amigo do Coração

*F. Gomes de Amorim*

Lisboa 17 de Fevereiro  
de 1872

18

22 de Março de 1872

Meu caro Abílio

Recebi antes de ontem e muito agradeço a sua prezada cartinha, sentindo bastante a notícia que me dá de ter estado doente. Desejo de todo o coração que esta o encontre já restabelecido e que tenham saúde todos os que lhe são caros. Eu também tenho passado pessimamente e por isso lhe não tenho escrito. Os meus padecimentos agravam-se todos os dias, complicando-se com outros novos e tornando-me cada vez mais inútil para tudo. Agora cresce-me (?) um incômodo do lado da aorta, que me faz temer uma morte igual à do meu pobre amigo Rebelo da Silva. Isto porém é no caso em que as outras doenças dêem tempo a esta. Enfim, por aqui vou vegetando aborrecido de tudo e de mim

próprio! Agora tive um acontecimento em casa que foi aumentar-se-me a família com uma menina, que nasceu no dia 14 e veio substituir a que perdi em 1870!

Já tinha demais, apesar de chorar ainda pela que então perdi; esta, que se parece em tudo com aquela, foi tomada como *compensação!* mas bem deve prever que novos incômodos e despesas o sucesso me veio trazer! Eu não só me resigno como até chego a estar contente por ver a criança! Evoluções do espirito humano. Infelizmente, não a poderei ver criada; mas seja o que Deus quiser.

Agradeço-lhe o ter-me proposto para o Instituto, vou também agradecer ao Simões de Castro e ao Cândido. Como não tenho comunicação oficial, nem sei se é costume dar-se, não escrevo ao Instituto, agradecendo. Explique-me como isso se costuma fazer, que não desejo passar por ingrato ou mal agradecido, embora a nomeação seja perfeitamente nula por ter recaído num homem completamente inútil.

A *Pomba*, que viu, era coisa velhíssima, que nunca se corrigiu e penso até que o não merecia, mas o Cândido viu-a aqui e levou, e tal qual estava!

Adeus, meu caro Abílio. desejo-lhe todas as venturas e aos seus; saudades de toda a minha gente, para Você e para o seu Abiliosinho, e um abraço do

Seu amigo obsequioso

*F. Gomes de Amorim*

Lisboa 22 de Março  
de 1872

19

(15 de Maio de 1872?)

Meu caro Abílio

Li com grandíssimo prazer o seu artigo de introdução ao livro sobre o imperador e muito lhe agradeço ter-se lembrado de mandar-mo. Depois do voto de tantas pessoas autorizadas que importância pode ter o meu? É o caso de dizer:

Onde estão galos de fama  
Que vêm os pintos fazer?

Contudo, sempre lhe digo que estimaria ter eu escrito esse artigo.

O que mandou para o jornal *Lettres e Artes* não o vi ainda porque não tem cá vindo o Rangel. É provável que Você não tenha razão de estar descontente; mas, se me for mostrado o artigo, antes de publicado, francamente lhe direi se me agrada ou não. Veja se manda já o outro que promete para não fazer esperar.

Se Você estivesse em Lisboa havia de associar-se comigo num jornal literário, que desde muito tempo tenho imaginado. Penso que tiraríamos bom lucro. Separados como estamos, é impossível: e eu só não me animo, por falta de saúde. Veja se o *Aguiar* lhe *arranja aqui* um ninho cuidado (?). Que diabo! Com a influência dele no governo actual e com o mérito do pretendente, que ninguém lhe faz favor em confessar, parece-me coisa bem fácil! Inste com ele: o lugar da Câmara não vagou: mas há tanto aonde, quando eles têm boa vontade!... E quem não fala, não se ouve.

Adeus. Tente alguma coisa. Saudades dos meus e um abraço do

Seu amigo do coração

F. Gomes de Amorim

20

4 de Setembro de 1872

Não respondi logo aos seus dois últimos favores, porque, além do meu estado ser sempre péssimo, estou agora trabalhando novamente no meu Garrett, resolvido a não fazer mais nada sem o levar a cabo. Isto rouba-me todo o tempo, pois desprezei tudo que tinha escrito sobre o assunto e comecei obra nova, em estilo puramente familiar, para me aproveitar de elementos que não teriam cabimento num trabalho mais apurado. Pelo Hernâni lhe mandei pedir o favor de me remeter com toda a brevidade *As Memórias do Corpo Académico*. Como não vieram ainda, penso que ele se esqueceu de lhe dar o meu recado. Rogo-lhe a fineza de mandar-mas porque preciso já da carta que lá vem do Garrett.

Eu bem desejava poder *aninhá-lo* aqui em Lisboa, mas como e em quê?

A não ser o lugar de redactor da Câmara de deputados, que por ora não vagou, não sei de outra coisa que possa convir-lhe. Quando o *Aguiar* lhe não vale, que tudo pode com esta gente.

como hei-de poder eu! Todavia não quiz responder sem me informar e desisti (?). Continuo à descoberta. Infelizmente nada achamos que possa convir-lhe. Creia que se eu pudesse puchava (*sic*) o para cá e bem me convinha, que não tenho hoje ninguém que me ajude! O seu generoso oferecimento seria logo aceito por eu saber que era sincero. Mas não pode ser, ao menos por agora.

Muito estimo que lhe agradasse o meu amigo e companheiro Agostinho de Almeida. Ele agradece as suas afectuosas lembranças, que retribui, bem como os sentimentos que lhe mandou pela dolorosa perda que sofreu, e envia-lhe esse bilhete.

A literatura dos folhetins, onde vê o meu nome, é uma conveniência. As muitas despesas de familia aumentam diariamente e os folhetins, embora mal pagos, auxiliam a fazer frente ao monstruoso *deficit* que como o da nação finge diminuir por fora e aumenta por dentro. E ainda não tenho um editor! Verdade é que também não procurei mais, nem posso, nem tenho cá quem me trate disso! O *Cedro* dorme na pasta, e o público pede *Cantos matutinos*, *Odios de raça* e *Herdeiras do milionário*, mas eu não posso e deixo de ganhar alguns tostões por isso. A tal empresa daí não vingou? Nunca mais ouvi falar dela.

Que tem Você que morder no D. Sancho *sans culottes*? Não o acha bem travado (?) com a principal paixão que o privou do trono? E não têm aquelas duas cenas o cunho dos costumes do tempo? Eu ainda as acho suaves de mais. Todavia, diga sempre o que entender, que o seu voto merece-me toda a consideração. E é claro que não tem as menores pretensões a aquele romancito. Escrevi-o para ganhar as 4 libras do *Diário de Notícias* e nunca tive em vista outro fim. E eles lá acharam, não sei como, que a cena da luta às escuras *tinha o belo horrível das cenas de Homero!* Boas almas! Antes assim.

Diga-me se a Janny (8) já regressou das Caldas e se está aí. Ela deve estar furiosa comigo, que não lhe respondo há longo tempo!

Saudades de toda a minha gente, do Agostinho, Chaves, vizinha D. Maria Augusta — e peço o favor de cumprimentar por minha mulher e por mim a sua Ex.<sup>ma</sup> e boa mãe. Saudades ao Abilio e um abraço do

Seu amigo do coração

F. Gomes de Amorim

Lisboa 4 de  
Setembro de  
1872

21

19 de Novembro de 1872

Meu caro Abílio

Lisboa 19  
de Novbr. 1872

Recebi a sua prezada cartinha e o livro do Corpo Académico, o que tudo lhe agradeço. Tenho passado e continuo muito mal. Não respondi logo porque fui estar uns dias nas Caldas, em companhia do meu compadre Agostinho de Almeida, para ver se a mudança de ar me fazia algum bem. Regressei no mesmo estado, infelizmente. Quando vim, achei a sua carta, que hoje acuso.

Estimarei que tenha passado bem, e que sua boa mãe esteja em estado satisfatório, bem como o seu pequeno Abílio. Saudades de todos os meus, e da Ex.<sup>ma</sup> Senhora D. Maria Augusta que se acha presente, e um abraço do

Seu amigo do coração

*F. Gomes de Amorim*

P. S.

Que é feito do Laranjo?  
Dê-lhe saudades minhas.

22

23 de Dezembro de 1872

Meu caro Abílio

O meu amigo Francisco Rangel de Lima (9), director do jornal *Artes e Letras*, informado por mim da competência do meu caro Abílio para escrever sobre coisas de arte e de literatura, encarregou-me de lhe pedir o favor de colaborar no referido jornal. Rangel de Lima já o conhecia de nome, tinha lido alguma coisa sua; mas não conhecia a primeira carta *A Beira do Mondego*, do *Panorama Fotográfico*. Dei-lha a ler e fez-lhe a justiça que merece, aquelas formosas e breves páginas.

As condições para todos os que escrevem no jornal *Letras e Artes* (*sic*) são 1.500 reis por columna. Se isto lhe convém e aos seus

CATALOGO  
DOS LIVROS

QUE PERTENCERAM A

**Francisco Gomes d'Amorim**

e que serão vendidos em leilão no dia  
de                    de                    na casa em que falleceu,  
em Lisboa no Largo do Carmo, junto ás ruínas



LISBOA  
TYPOGRAPHIA E STEREOTYPHA MODERNA  
0, Apostolos, 11

1882

Catálogo do leilão da biblioteca de Francisco Gomes de Amorim

trabalhos lho permitem, aqui lhe remeto uma fotografia das *ruínas do Carmo*, de Lisboa para o seu primeiro artigo. É deitar-se à *Crónica do Carmo* e mandar o artigo quanto antes, sobrescritado ao Rangel, Rua Nova dos Martires, n.º 3. Deve lembrar-se bem das minas porque as viu bem quando cá esteve. E trate-mas como merecem, que são as minhas ruínas. Se quiser algum esclarecimento, escreva-me.

Trate também assuntos de arte, de Coimbra, e de qualquer outro ponto do País. A índole do jornal ensinaria outro do que convém; a Você não é preciso.

Saudades de todos os meus, cumprimentos do meu amigo Rangel de Lima, que está presente, e lembranças da Ex.<sup>ma</sup> Senhora D. Maria Augusta. Um abraço do

Seu Amigo do coração

F. Gomes de Amorim

Lisboa 23  
de Dezembro de  
1872

P. S.

Que é feito do Laranjo? Esqueceu-se de mim ao que parece! Dê-lhe sempre um abraço meu embora ele o não queira.

Amorim

23

27 de Dezembro de 1872

Meu caro Abílio

Estimo que se resolvesse a fazer o artigo (e que faça muitos outros) sobre as ruínas do Carmo (10). Dos architectos não lhe posso dizer senão que sou incompetente para lhe falar deles porque não posso senão dizer mal. Estamos em guerra de morte há perto de um ano e tapei-lhas com pedra e cal a porta que deitava para o meu lado, tirando-lhes a passagem do terreno que está na posse da Câmara Municipal e o meu senhorio arrenda. É uma corja de porcos e de estúpidos e ignorantes. O que eu lhe podia dizer não serve para o artigo, nem convinha ao jornal. É uma associação decadente: os sócios não pagam as quotas e o *possidonio* mau (?) anda sempre em bolandas com eles, e passa por sábio aos olhos

do *mundo estrangeiro*, que o carrega de diplomas como quem carrega uma besta.

Há porém um meio: escreva-lhe Você dizendo que quer fazer um artigo sobre as ruínas do Carmo e que lhe pede esclarecimentos, fiado na sua bondade e reconhecida competência. Ele cai logo a falar-lhe do seu museu e Você tem assunto para o artigo.

Advirto-o, porém, que não se *entusiasme*, nem fale demasiado no tal museu, que é ridículo e deixa muito a desejar. (A classificação primeira foi tirada pela troça que eu lhe fiz!) Mande a sua carta ao Pedro Rocha para que ele a entregue a Joaquim Possidónio Narciso da Silva (11) e peça resposta breve porque a demora não convém ao jornal. Das ruínas do Carmo é que Você deve tratar. Eu julgo que algum jornal nosso, antigo, já falou delas; mas não sei qual para lho indicar. Acho bom que escreva em forma de carta, e agradeço o que me diz de a querer dirigir a mim, favor que aceito reconhecido. Do meu jardim: remeto-lhe umas provas do conto que dei ao *Brinde do D. de Noticias*, que já está impresso. Direi ao jornal e darei os seus recados. O meu Chico vai indo, sempre muito fraquito. Agradecem todos as suas lembranças e retribuem-lhas.

Desejo que tenha festas felizes com todos os que lhe são caros.

Espantou-me com a notícia do casamento do Laranjo! Ele não se dignou participar-me o acontecimento; ignoro as razões que teve, mas estranho-as desagradavelmente... Não tenho sobre escrever-lhe, mas ainda que tivesse não fazia.

Saudades de todos os meus e um abraço do

Seu amigo do coração

F. Gomes de Amorim

Lisboa 27 de  
Dezembro de  
1872

24

29 de Dezembro de 1872

Meu caro Abílio

Recebi (e respondo à pressa) à sua muito estimada cartinha. É verdade que não foram as *provas* do meu jardim porque quando as quis mandar achei-me com elas rasgadas. Pedi no

*Diário de Notícias*, que me tirassem outras, visto estar a forma por desfazer ainda; mas a morte repentina do Adriano Coelho impediu que me satisfizessem até hoje. Espero que venham amanhã e remeterei. A assinatura do jornal faz-se no escritório R. N. dos Mártires. Se não lha mandei fazer foi por que não tem cá vindo o Rangel de Lima e eu tenho estado assás apoquentado com os meus padecimentos e com uma doença que imprevisivelmente acometeu agora minha filha mais velha: uma espécie de convulsões, que muito me tem inquietado. Estimo que tenha o que precisa acerca dos asnos das ruínas. Eu nunca vi o livro da viagem do imperador (12).

O meu nome não podia faltar na homenagem a Pedro Rocha por que no mesmo dia em que li num jornal, que o insólito acontecimento se passara com ele, mandei-lhe o meu bilhete a casa, por me não permitir o meu mísero estado de pessoalmente prestar-lhe esse testemunho dando ao seu nobre carácter, um desagravo da atrás suspeita em que tão afrontosamente o ofendiam. Pode dizer isto na relação e pôr o meu nome.

A respeito do Laranjo, são tão excepcionais as circunstâncias que se dão entre nós, que nada o pode desculpar... Por causa dele fiquei quase indiferente com uma família, com a intimidade da qual me comprazia desde muitos anos, simplesmente porque me negaram um favor que eu jamais pediria para mim.

Entretanto, seja ele feliz, que eu ficarei contente.

A vizinha retribue as suas saudades muito reconhecida.

Recebe-as também de todos os meus, e para os que lhe são caros igualmente, e um abraço do

Seu amigo do coração

*F. Gomes de Amorim*

Lisboa 29 de  
Dezembro de 1872

25

31 de Dezembro de 1872

Meu caro Abílio

Não me deram as provas e por isso lhe mando o que tenho das primeiras. Junto uma folha de papel com apontamentos sobre o terreno superior ao meu jardim, que hoje me pertence também. Desejava que isto lhe servisse e dissesse, como entendesse, tudo

que aí refiro, para satisfação do Bartolomeu dos Mártires e da Câmara Municipal. Em todo o caso faça o que entender. Desculpe a basófia e vanglória, que (*ilegível*) ter nesse papel; é pelos que aqui vêm que digo essas coisas que não me tenha por imodesto ou vaidoso, que não sou senão homem chão e seu verdadeiro amigo

*F. Gomes de Amorim*

Lisboa 31 de  
Dezembro de 1872

26

11 de Março de 1873

Meu caro Abílio

Escrevo-lhe apenas duas linhas para lhe pedir que mande o seu artigo imediatamente ao Rangel de Lima, aliás criará um grave embaraço ao jornal.

Penso que contavam com esse trabalho, disposeram as coisas para o inserir no número imediato e agora estão entalados por Você não ter mandado!

O Rangel diz que já lhe escreveu duas cartas. Veja se lhe acode quanto antes que lhe faz um grande favor e também a mim. Ele veio pedir-me para eu lhe escrever e o instar por isso. Acuda pois a ambos.

Saudades de todos os meus e um abraço do

Seu amigo do coração

*F. Gomes de Amorim*

Lisboa 11 de  
Março de 1873

27

7 de Maio de 1873

Meu querido Abílio

Só hoje recebi as *Artes e letras* e, por consequência, só hoje tive o gosto de ler a primorosa carta com que me honram. Acabo de a ler e agradeço-lhe muito cordialmente todo o favor que me

fez, e dar-lhe sinceros parabéns por tão excelente escrito. Já ontem tinha sabido, por meu cunhado, que o seu artigo tinha agradado muito — esperava com impaciência o jornal para o ler e escrever-lhe em seguida.

Agora chegou aqui o Rangel de Lima, pedindo-me que lhe escrevesse imediatamente e o instasse para que não o deixe sem a continuação do artigo, como já ontem lhe rogou, até quarta-feira. Junto pois os meus rogos aos dele. Ponha de parte os outros trabalhos, e até a constipação, que me consta que tem tido, e escreva a continuação das *Ruínas do Carmo*. Faz grande transtorno ao Rangel deixar sair um número sem o seguimento do artigo, e mandou suspender os trabalhos, esperançado em que V. não deixe de enviar-lho até o dia marcado. Faça, pois, um esforço e escreva largamente, que todos — empresa e leitores — lhe ficarão reconhecidos. Peço-lhe isto com muito empenho porque vejo o Rangel aflito.

Desde muito tempo que ando para lhe escrever, mas não tenho podido. Caí doente de cama com uma *bronquite* na segunda-feira de Páscoa, estive com muita febre, e, apesar de já andar a pé, fiquei bastante amolgado e bastante pior de todos os meus padecimentos. A minha casa tem estado convertida em hospital. Depois de eu me levantar, adoeceu a minha mulher, as minhas filhas mais velhas, as criadas, e agora a minha filha, a mais pequenita, que ainda me dá cuidado. Veja se é possível fazer alguma coisa nestas condições! Todavia, estou trabalhando no *Cedro vermelho*, que transformei inteiramente, e penso que desta vez sai para a rua. Vai, porém, num só volume e tenho de cortar quase todas as *notas*.

Mande-me um catálogo das obras publicadas pela Imprensa da Universidade, com os preços por que estas se vendem. Desejo ver mais as crônicas reimpressas para adquirir algumas, se puder.

Adeus, saudades de todos os meus, para Você, sua Ex.<sup>ma</sup> Mãe e o seu Abílio, e um abraço do

Seu grato amigo do coração

*F. Gomes de Amorim*

Lisboa 7  
de Maio de  
1873

P. S. — Desculpe os borrões, que estou hoje pouco feliz!

28

23 de Junho de 1873

Meu Amigo

Respondo imediatamente à sua carta para que recorra a outra fonte, se ainda fôr tempo. Eu não conheço ninguém em Setúbal; estou tão doente que nem posso escrever-lhe por minha mão <sup>(a)</sup>; e é-me impossível achar em tão curto prazo quem possa alcançar-me a carta que deseja a tempo de aproveitá-la. Sinto imenso não poder servi-lo mas a culpa foi sua. Não é no dia 23 que se pede uma carta para 25 ou 26 a um homem no meu estado. Se fosse mais cedo com certeza acharia a quem recorrer.

Agradeço os parabéns que me dá pela vinda de meu irmão, que há-de estimar quando o conhecer. E agradeço-lhe também tudo quanto me diz a respeito dos folhetins, que sua amizade aprecia com excessiva benevolência. Os que os publicam parece que os não consideram do mesmo modo, por que os dão em pequeníssimos fragmentos, interrompendo-os frequentemente.

Olhe que ainda me não mandou o catálogo que lhe pedi das obras publicadas pela Imprensa da Universidade.

Saudades de todos os meus e um abraço do

Seu amigo  
do coração

*F. Gomes de Amorim*

Lisboa 23  
de Junho de 73

29

8 de Novembro de 1873

Meu caro Abílio

Lisboa 8 de  
Novembro 1873

Recebi e muito estimei o favor da sua carta. Apesar do que me diz, do meu silêncio, tinha-lhe escrito de Sintra e fiquei sem resposta. Pedi nessa ocasião, uma vez mais, o catálogo da Uni-

<sup>(a)</sup> Esta carta não é realmente letra do punho de Gomes de Amorim.

versidade. Agora já me não é necessário pois me prometeram aqui um há dias. O meu mísero estado de saúde não me deixa escrever quando quero e me pede o coração; mas não me esqueço dos meus amigos, e comprazo-me de o contar nesse número, que, infelizmente, de dia para dia se vai limitando!... uns morrem, outros ausentam-se e alguns esquecem-se, que para as pessoas do meu pensar e sentir é pior do que morrerem!...

Não lhe respondi logo porque quis saber se o Cordeiro estava em Lisboa, e estou às ordens de um galego estúpido, por ter despedido o criado. Cordeiro está em Leiria por isso só quando vier lhe falarei. Mas não me prenda com isto; eu respondo por ele e o que Você faz nada tem de ofensivo, antes devem lisonjeá-lo, porque sei como Você escreve. Mande pois o artigo ao Rangel quanto antes.

E as cartas, que Você me dirigia pelas *Artes e Letras*? Acabaram com a notícia das minhas *crônicas*? Veja se prossegue que todos gostaram muito. Tem olhado para as minhas *Viagens* no mesmo jornal? Que lhe parecem aquelas *notas* recolhidas pela minha memória enfraquecida? Fale com franqueza, que eu não sou homem de amúos, nem de vaidades.

Saudades da minha gente para si e todos os seus e receba um abraço do seu do coração

F. Gomes de Amorim

30

30 de Julho de 1874

Meu caro Abílio

É portador desta o professor de piano das minhas filhas senhor Caetano Maria Caggiani, que em companhia de seu talentoso filho, rabequista de 10 anos, vai dar alguns concertos pela província. Peço-lhe o favor de o recomendar aí quanto possível; apresente-o ao Laranjo e mais amigos, à D. Amélia Janny, e peça a todos, em seu e meu nome para que o auxiliem a fim de que o concerto que ele der produza os melhores resultados possíveis. Recomendo-lhe também calorosamente à sua família do Porto, onde ele tenciona ir, e arranje-lhe em Coimbra algumas cartas para a Figueira, Espinho e alguma outra terra importante, onde vai a pena fazer tentativas musicais.

Tomarei como para mim tudo quanto Você possa fazer neste sentido.

Há imenso tempo que não vejo uma carta sua; não sei se ainda se lembra de mim ou se julga que já morri. Se não lhe escrevo é porque tenho passado muito mal; saí de Lisboa em principio de Maio para o Paço do Lumiar n.º 46, por se ter agravado também a doença de minha mulher. Aqui estamos sempre doentes, tendo eu piorado por causa de trabalhos violentos que me vi obrigado a fazer, alterando coisas já feitas, em consequência de picardias que me fez um patife de um livreiro de Lisboa, que me deve tudo quanto tem e vale.

Tenho quase impresso o *Cedro vermelho*, mas só para Setembro poderei remeter-lho.

Veja se me dá notícias suas; o Laranjo também nunca mais me escreveu mas desse já me não admiro.

Paço do Lumiar  
30 de Julho de 1874

Seu grato amigo do coração

F. Gomes de Amorim

31

1 de Agosto de 1874

Meu caro Abílio (a)

Há três ou quatro dias lhe escrevi pelo mestre de minhas filhas, o sr. Caggiani, que vai a Coimbra com tenção de dar um concerto, mas não sei quando aí chegará porque se demora em outras partes.

Hoje recebi a sua carta datada de ontem e imediatamente escrevi ao Cascais, remetendo-lhe o mesmo apontamento que Você me mandou e pedindo-lhe com o maior empenho pelo seu protegido. Veremos o que ele pode fazer e assim que eu tiver resposta lha remeterei. Como estou fora de Lisboa penso que não poderei conseguir nada se nos falhar o Cascais porque não tenho confiança em cartas, senão quando se escrevem a pessoas muito intimas, sobre negócios desta natureza. É possível que eu tenha outros amigos capazes de me servir como o Cascais, mas não me posso agora lembrar quais sejam os que têm relações com as pessoas de quem depende a pretensão. Se eu estivesse em Lisboa

(a) É letra da mesma mão da carta n.º 28.

mais facilmente poderia dizer alguma coisa de positivo. Entretanto creia que não me descuidarei por ser pedido seu.

Veja se lhe é possível desencantar por aí alguém que tivesse relações com o Garrett e que possa dar algum apontamento ou esclarecimento interessante para a sua biografia. Não haverá nenhum lente vivo aí dos de 1816 a 1822, que se lembre dele? Não haverá quem tenha correspondências autógrafas do poeta, que possa emprestar-mas para eu copiar?

Eu já tenho as certidões da Universidade mas desejava alguns factos da vida dele de Coimbra, que tivessem curiosidade e interesse, além daquele que se refere à votação dos estudantes em 1820, porque desse tenho um jornal velho que pude obter há tempo. Veja pois por favor se me fornece alguma coisa interessante. Eu tenho passado muito mal, mas se não estourar este inverno tenciono acabar o livro sobre Garrett.

Adeus; dê-me notícias suas e dos que lhe são caros. Saudades de todos os meus e creia-me sempre.

Paço do Lumiar  
1 de Agosto de 1874

Seu grato admirador do coração

*F. Gomes de Amorim*

32

16 de Setembro de 1874

Meu caro Abílio

Regressando há três dias do Lumiar, veio o Cascais dar-me alguns esclarecimentos, que me apresso a comunicar-lhe, com relação ao seu pedido a favor do Sr. Prezado.

Noutro tempo a Comissão geodésica precisava meter empenhos para obter gente, porque havia falta de indivíduos trabalhados; hoje sobeja pessoal e estão há muito tempo alguns rapazes à espera de vez, sendo alguns recomendados pelo rei! Além disso, não se admite ninguém sem que o façam passar por um exame de desenho, a fim de evitar sensaborias que tem havido; conta-me (confidencialmente) que o Prezado fraqueja um tanto neste e que com quanto goze créditos de bom moço e estudioso (na Escola do Exército), isso não o salvaria de ser excluído se não desenhasse

bem tudo quanto o mandassem, o que seria um vexame. Na Comissão há gente a mais e estão á espera alguns; contudo, se o seu protegido julga que pode concorrer e passar pela prova exigida, sem risco de algum fracasso, insistirei no pedido; por enquanto mandei suspender a diligência, para o prevenir de que ninguém se admite sem a tal experiência do desenho, e que consta que Prezado e pouco forte nesse ramo. Veja se diz isto sem o ofender, porque não venha de lá depois alguma bomba contra o Cascais. Faça-lhe sentir a coisa com a sua real (?) amabilidade e se ele se considerer em termos de ser examinado na Comissão Geodésica, tornarei a pedir.

Se ele tivesse curso de engenharia, arranjava-o nas Obras Públicas, assim, não posso.

Ainda estou à espera da resposta às perguntas que lhe fiz, acerca do Garrett.

Saudades de toda a minha gente. Não tirámos o menor proveito da estada fóra!

Receba um abraço do  
Seu amigo do coração

*F. Gomes de Amorim*

Lisboa 16 de  
Setembro de 1874

33

9 de Outubro de 1874

Meu caro Abílio <sup>(a)</sup>

Apenas duas linhas com urgência. Tenho estado muito doente com uma inflamação de baço, por isso nada tenho podido fazer pelo seu protegido, nem sei quando poderei; mas não me esquecerá, logo que me ache melhor. Agradeço a sua de hoje, os jornais, e o retrato do seu Abílio, que está um rapaz guapo e galhardo. Faça-lhe os meus cumprimentos.

O fim principal desta é pedir-lhe o favor, se lho permite a saúde, de ir ou mandar alguém da sua confiança, falar com o

(a) Letra da carta n.º 28.



principal ou principais livreiros de Coimbra, propondo-lhes se me querem tomar um exemplar do Cedro vermelho, com as mesmas condições de favor com que o cedo nos Bertrand e António Maria Pereira, de Lisboa; E. Chardron e José Gomes Monteiro (Livraria Moré) do Porto. As condições são as seguintes: os dois volumes, que são para vender por 1.200 reis, dou-os por 1.000 reis, descontando mais 5 % para despesas. A pronto pagamento. Tomam-me cem exemplares, farei ainda a remessa por minha conta até à estação do caminho de ferro de Coimbra.

Esta última concessão ainda não fiz a ninguém, porque só tenho por enquanto contratadas remessas de cinquenta exemplares. Para este número as despesas de frete, caixotes, etc., serão por conta do comprador.

Parece-me que a obra será bastante vendável em Coimbra e que mesmo os cem exemplares serão poucos para aí; entretanto venderei os que quiserem os senhores livreiros, mas nunca menos de cinquenta. Advirto porém que preciso resposta pronta porque se estão a broxar (*sic*) os livros sai-me mais barato expedi-los da Imprensa Nacional, onde se imprimiram do que depois de ter pago fretes para minha casa, onde não tenho quem me faça caixotes nem quem os empacote.

Faça-me pois a caridade de tratar disto já, com zelo e amizade, porque me convém apurar dinheiro para pagar as despesas feitas e por isso faço estes abatimentos.

No caso de quererem aí livros, mandar-lhos-ei segunda ou terça-feira, antes de os expor à venda em Lisboa, porque os primeiros que se broxam (*sic*) são para as províncias. Ainda não saiu um único exemplar e mandaria para aí ao mesmo tempo que fossem os que vão para o Porto. Veja pois se me negoceia pelo menos cem exemplares. No princípio da semana lhe mando o seu.

Adeus, saudades e veja no que deram as duas linhas!

Lisboa, 9 de  
Outubro de 1874

Seu amigo do coração

*F. Gomes de Amorim*

*P. S.* — Pode explicar que o segundo volume se compõe de narrativas, de viagem, descrições de costumes, plantas, animais e paisagens do Pará e Amazonas, para ilustrar o primeiro volume do poema dramático em prosa.

34

13 de Outubro de 1874

Meu caro Abílio

Recebi e muito agradeço a sua presada carta, sentindo o inútil incómodo que lhe dei. Conforme o seu parecer aí lhe mando um caixotinho com 30 exemplares do *Cedro vermelho*. Se houver quem quizer ficar com eles logo poder-se-ão vender a 10 tostões cada um; não havendo, peço-lhe o favor de os expor à venda no Melquiades e no Cabral a 1.200 reis cada exemplar, advertindo que não dou mais de 10 % de vendagem aos livreiros. E faço esta advertência porque alguns daqui querem 20 %, mas a maioria dos autores não expõem as suas obras nas lojas destes e eu sou um deles.

No caixote vão mais quatro exemplares subscritados, sendo um para o meu amigo, outro para a D. Amélia Janny, outro para o Laranjo, e o último para o sr. Joaquim Martins de Carvalho (13), que não tenho a honra de conhecer mas com quem simpatizo pelos seus trabalhos. Peço-lhe o favor de os mandar entregar; e veja se escreve alguma coisa sobre o *Cedro* e se faz com que o Laranjo e mais alguém escreva. Eu não peço a mais ninguém e contudo bem preciso que se faça bastante barulho com o livro a ver se consigo que se extraia e que você me peça para aí segunda remessa. Se lhe parecer mandar aí a dois ou três dos principais jornais, escreva o oferecimento na primeira página, como se fosse eu que o tivesse mandado já feito de cá, subscrite e mande, com os competentes anúncios dizendo onde se vende aí. O seu escrito pela sua letra não quer dizer nada pois que a dedicatória pode ser simplesmente: *À ilustrada Redacção... Como testemunho de consideração, oferece o Autor.*

Mande-me o que escrever, depois de publicado, bem como qualquer notícia que sobre o livro apareça nos jornais daí, e diga-me sinceramente as suas impressões depois de ler os livros.

Disse-lhe que os expusesse no Melquiades e Cabral (14), mas faça como entender pois que o meu amigo é que tem de lhes tomar contas e mandar-me a importância da venda, depois de liquidada. — Disse-me o Rangel de Lima que o Vitor Bastos nunca lhe deu o desenho do monumento e que lhe mande voce alguma coisa, sem ser obrigado a gravura. Saudades dele, de todos os meus e um abraço do

Seu amigo do coração  
*F. Gomes de Amorim*

Lisboa, 13 de  
Outubro de 1874

35

Lisboa 22 de Novembro de 1874

Meu caro Abilio

Eis o que posso responder ao pedido do seu recomendado Prezado. Não apressei a resposta porque, desejoso de lhe ser agradável, quiz fazer mais de uma tentativa.

No Ministério da Guerra não se admitem mais adjuntos. *Há muitos a mais!* Ultimamente, quando se tratou do orçamento daquele ministério, nas repartições competentes, foram perguntar ao ministro como e em que capitulo haviam de meter a despesa das gratificações que eles recebiam. O Fontes ficou assombrado com o total e declarou, que se soubesse a quanto montava desde muito teria posto còbre ao abuso. A culpa não é dele nem de nenhum outro ministro, especialmente tem sido de todos! E nenhum pode ser acusado, porque até se tem por vezes exercido pressão, da parte de quem não devia meter-se em coisas dessas! Aqui tem o que fui saber e peço-lhe que não faça uso disto, nem deixe a carta da mão, porque me foi dito confidencialmente, e bem sabe que podia alguém com isto levantar poeirada.

Depois de ler, rasgue a carta. Não digo que algum *empenho eleitoral*, ou outro, de *altas* personagens, não conseguisse meter algum novo adjunto; mas sim que há pedidos para alguns, que têm bons padrinhos, e não têm mudada a resolução do ministro. De novo lhe recomendo que rasgue a carta, embora a mostre primeiro ao seu protegido. Se para outra coisa se lembrarem de mim, e eu possa, terei muito gosto em ser-lhes agradável.

Diga-me em que estado vai a venda do *Cedro*. Não os deu aos livreiros pelo preço que queriam. Se não fez isso, foi mau porque eu preciso muito liquidar quanto antes, a fim de ver se ainda este ano edito outra coisa. Você não faz tenção de escrever nada?! Se quiser escrever, mande-me o artigo manuscrito para publicar primeiro em jornal de cá. Veja se me arranja aí um editor para um romance, que tem por título: *Os selvagens*. São dois volumes, porém cada um tem seu título (porque são continuação de um romance para outro) e pode-se editar cada um por sua vez. Eu quero cinquenta libras, e cinquenta exemplares, por cada um, tirando o editor 2000. Veja se me faz algum negócio breve.

Diga ao Laranjo que me mande o artigo que ia escrever sobre o *Cedro* para se publicar aqui primeiro.

Adeus. Saudades

Seu do coração

Fran.<sup>co</sup> Gomes de Amorim

36

3 de Janeiro de 1875

Meu caro Abilio

Lisboa 3 de  
Janeiro de 1875

É esta a primeira carta que escrevo este ano, e começo-a por lhe agradecer a sua de ontem e a remessa do vale do correio com a importância do *Cedro*.

Sinto as noticias que me dá do estado de sua querida mãe, e faço sinceros votos pelo restabelecimento dela para satisfação do filho, de todos que a amam, e minha também, que a respeito como devo, apesar de não ter o gosto de a conhecer pessoalmente. Deus lha conserve, meu caro Abilio! Ter mãe é a suprema ventura do homem, e quanto mais nos afastamos do berço parece que maior prazer sentimos em poder pronunciar tão doce nome. Ah! apesar de eu ter vivido quase sempre separado da minha, senti que alguma coisa de mim caiu com ela na sepultura no dia em que a perdi para nunca mais a ver!

Desejo-lhe de todo o coração que o novo ano lhe traga todas as felicidades que deseja, e a todos que lhe são caros, sendo a primeira o pronto restabelecimento de sua boa mãe.

As minhas festas também não são para invejar, porque, além de eu continuar sempre a padecer, e cada vez mais, tenho minha mulher em continuos sustos de que lhe venha o sangue à boca, vivendo num estado melindrosissimo, sobretudo nas mudanças de estação. A minha filha Sofia também padece há nove anos de uma doença de nariz (orena), que julgo incurável porque o ano findo cessei, desanimado, dos esforços que há tanto tempo fazia para ver se conseguia curá-la.

Enfim, todos temos a nossa cruz, maior ou menor, e a minha infelizmente, não tem sido pequena!

Muito lhe agradeço o dinheiro dos livros, mas parece-me que há engano contra o meu amigo. Não me disse que tinha dado um exemplar a um jornal daí? Mandei-lhe 30, se deu um, só tem a pagar 29. Esclareça-me este ponto para lhe devolver o dinheiro em estampilhas. Entretanto, aqui junto já os 450, que desembolsou para me mandar o vale do correio, porque não era justo que, além do trabalho que teve, pagasse ainda os cambios. Se lhe devo

1.200, por mas ter mandado a mais, do mesmo modo lhos devolveria em estampilhas.

Adeus, meu caro Abílio, mil saudades de todos os meus, recomende-me também ao seu jovem Abílio, e creia-me sempre

Seu grato amigo do coração

*Francisco Gomes de Amorim*

37

1 de Fevereiro de 1875

Meu caro Abílio

Lisboa 1 de  
Fevereiro de 1875

Acuso os seus dois últimos favores, e ambos lhe agradeço cordialmente. Não respondi logo ao primeiro porque, logo que o recebi, escrevi a António Maria Pereira, livreiro, consultando-o sobre se ele queria editar as suas *Cartas familiares*. Esperava que ele me respondesse para eu lhe dizer a Você alguma coisa, mas o homem não se dignou até hoje dar o menor *cavaco!* Eu sou incapaz de lhe arranjar editor, meu caro amigo. Bem sabe que estou preso em casa, que tenho de tratar tudo por cartas e que há muita gente malcriada neste mundo, sobretudo se trata com pessoa que não lhe prometa algum interesse, como eu não prometo! Deve lembrar-se de que não tendo arranjado editor para mim sou fraco agente para os outros. Entretanto, se alguma coisa puder conseguir, creia que não me esquecerei.

Quem o mandou comprar os *Cartas matutinos*? Acaso nada aí em dinheiro, ou persuadiu-se de que eu me esquecia de mandar-lhe o livro, sabendo que Você o não tinha da 2.<sup>a</sup> edição? No primeiro caso, mande para cá algum; no segundo, peça perdão. Aí vai pelo correio o seu exemplar. Não o mandei logo pela razão já dita de não ter respondido à sua carta. Esperava resposta do Pereira. Quanto ao exemplar que comprou, dê-o a quem quiser. Não tenho culpa da sua injusta desconfiança da minha amizade. E saiba que não o dou para aí a mais ninguém, porque o editor também me não deu senão pouquíssimos; mas não deixava de lho

dar ao Senhor, que tem sagrados direitos a ele e à amizade do autor, de quem nunca se esquece também.

Agradeço-lhe a notícia que me dá de D. Maria Amália Vaz de Carvalho. Vi há pouco um folhetim, assinado por Valentim de Sucena (no *D. Popular*) que dizia algumas palavras sobre as notas do *Cedro*. Não sabia de quem era, mas agora que o sei vou agradecer-lho. Não a conheço nem tive com o marido mais relações, depois da troca de duas cartas quando ele teve a bondade de mandar-me as Miniaturas. São dois belos talentos, que admiro sinceramente e sinto não conhecer pessoalmente marido nem mulher. Pena é que sejam pobres de bens de fortuna e não possam trabalhar desafogadamente, que ambos são capazes de produzir muito e muito bom.

A apreciação de Sousa Viterbo (15) pareceu-me muito chôcha e contraditória com tudo que se disse do *Cedro*, e com o próprio artigo dele em parte.

Igual efeito produziu noutras pessoas entendidas. Mas não fiquei mal com ele por dizer que eu não sou Shakespeare, coisa que todos sabem, e eu antes de todos.

Adeus; e escreva. Não seja preguiçoso.

Seu grato amigo do coração

*Francisco Gomes de Amorim*

38

Lisboa 16 de Fevereiro de 1875

Meu caro Abílio

Sinto dizer-lhe que ainda nada consegui relativamente à publicação das suas *Cartas familiares*. O Pereira, afinal, respondeu que não podia tomar este ano novos encargos, além dos que já tinham. Apesar de eu pouca esperança ter, por estar preso em casa, como sabe, mande-me sempre dizer as condições da publicação para eu tentar por outro lado, oportunamente.

Quanto quer em dinheiro, que número de exemplares tira o editor, quantos quer para si, etc., etc. Não atribua a falta de editores à sua *obscuridade*, como diz, mas sim à falta de leitores. Parece que estamos cada vez pior! De um lado só vejo *coterias*; do outro, especuladores ignóbeis; e do público, ausência de gosto e de apetite pela boa leitura!

Em todo o caso responda às minhas perguntas com brevidade.

Agradeço as palavras amigas que me escreveu acerca da 3.<sup>a</sup> edição dos *Cantos*, que lhe mandei. E permita-me que me sinta e estranhe que nunca fizesse o artigo, que me prometeu, a respeito do *Codro vermelho* e que tanto bem fazia ao livro!

Do Laranja não me escandalizo já, porque mudou inteiramente comigo. Mas Você! Não sei em que lho mereci? Verdade seja que também o não mereci ao Laranja; mas desse não me queixo porque tentei obsequiá-lo.

Desculpe estas queixas, que não vencem a sua preguiça, bem sei; mas confesso que me custa não lhe ter devido mais esse favor, que tanto lhe pedi.

Adeus; os meus respeitosos e os de minha família a sua boa mãe, saudades ao seu Abílio e para si receba um abraço muito afectuoso do

Seu amigo do coração

F. Gomes de Amorim

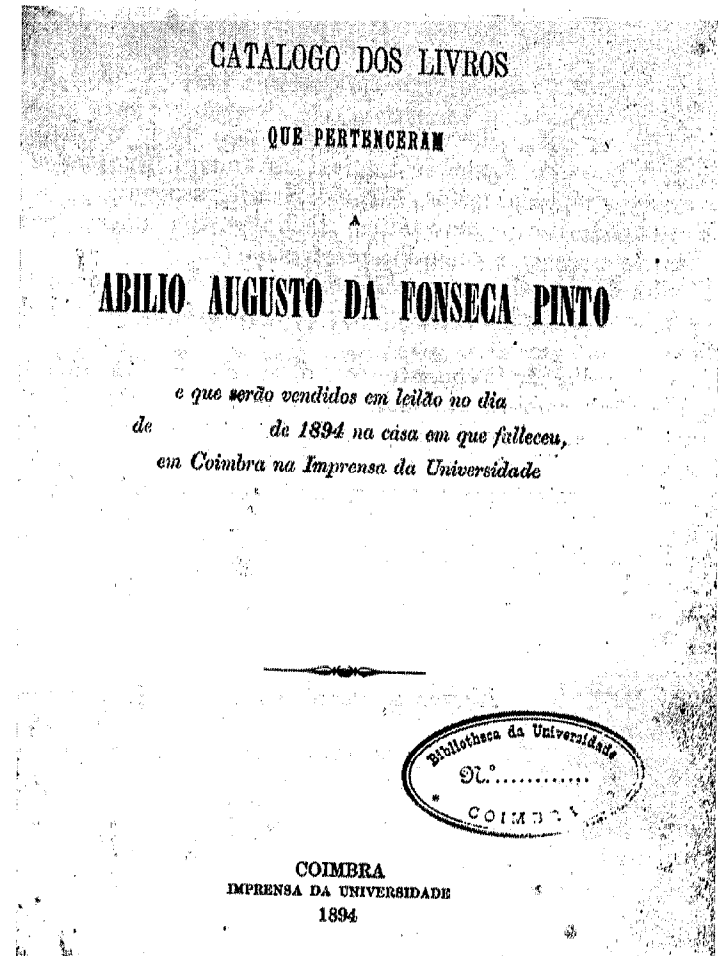
P. S. — Diga também se tem o manuscrito pronto, para o caso de algum editor o querer ver; e se o mandar, pedindo-se.

39

5 de Março de 1871

Agradeço-lhe muito os esforços que tem empregado para me arranjar editor, e estimarei que o Sr. Cabral se resolva a fazer-me o favor de vir a minha casa. Mas parece-me poder afirmar desde já, que nada faremos. Os editores são raros em Portugal; a venda dos livros portugueses, muito incerta; e eu muito pouco feliz em negócios de dinheiro. Prevejo pois que teria de continuar a ser editor das minhas obras, em contentar-me com deixar editar apenas as que escolherem os livreiros. Em caso o caso, renovo-lhe os meus sinceros agradecimentos e peço-lhe o favor de me mandar uma cópia dos artigos, que para aí lhe mandei acerca das edições, porque não sei já o que propuz e preciso poder responder ao Cabral, se ele cá vier.

Alegrou-me a notícia, que me trouxe a sua carta, hoje recebida, de que virá provavelmente a Lisboa um destes dias. Se o não assusta a companhia de gente valetudinária, as gritas de seis crianças, e uma hospedagem modestíssima, peço-lhe que não vá para outra casa. Creia que me dará muito gosto, se vier, sem



Catálogo do leilão da biblioteca de Abílio Augusto da Fonseca Pinto

sacrifício seu, morar comigo. Avise-me sempre do dia em que chega, porque, apesar de eu não poder ir esperá-lo à estação, como devia e desejava, terei alguém que vá representar-me; e, em todo o caso, tome nota de que a entrada de minha casa, para de noite, é pela rua nova do Carmo n.º 69-5.º andar. De dia não é necessário subir a escada, pois temos uma entrada pelo Largo do Carmo, entre o Clube e as ruínas da igreja, mas fecha-se às 8 horas e meia da noite.

Parece-me que o Laranjo não teve razão de ir embirrar com um simples gracejo. Assim se azedam os ânimos, perdem-se amizades e ganham-se desgostos. Não é bom ser assomado.

Eu, quando li o numero ultimo da Folha, tive sincera pena de ver como ele escreveu e como lhe respondem.

Dê-lhe de conselho, que não replique e que continue a enviar artigos para o jornal porque só assim mostrará supericridade na questão.

Agradeço-lhe tudo quanto for dizer de mim à família do nosso Hernâni; embora eu nada tenha feito por este, sobeja-me boa vontade e sou deveras amigo dele. Só nisto mereço as amabilidades com que Você e os seus me tratam. Estimarei muito que me mandem os retratos e se não me anticipo a mandar-lhe o meu é porque mandei agora tirar novás provas de outro *cliché* diferente do que lhe envie, e prefiro remeter um daqueles.

Saudades ao Laranjo e diga-lhe que tenha juizo e não perca tempo em questiúnculas ou discussões estéreis por causa de uma errata.

Abraça-o como seu amigo do coração

*F. Gomes de Amorim*

Lisboa 5 de  
Março de 1871

40

24 de Março de 1875

Meu caro Abilio

Tenho passado pessimamente. Se não fosse a desigualdade do tempo, saía já de Lisboa; mas, com o frio que faz é impossível.

Isto explica o meu silêncio e o porque não respondi mais cedo aos quesitos da sua carta. Queria também falar ao editor de dois romances meus, Matos Moreira e V. C.ª (*não conseguimos desdobrar estas abreviaturas*) nas suas *Cartas familiares*; mas não desejava fazê-lo senão quando o sócio capitalista aqui viesse, e só ontem aconteceu isso.

Diz ele que não tem dúvida em fazer-lhe a edição, mas que não trata senão à vista do manuscrito. Se quiser, mande-o para eu apresentar e depois dizer o que houver. Sem o ter cá, é impossível achar editor capaz.

Quanto aos outros quesitos da sua carta: 1.º Não tenho podido escrever ao João de Lemos (15), para a poesia do *Buçaco*. Se ainda é tempo, avise, que peço ao Rodrigues Cordeiro (16) para ir falar-lhe ao tempo grande.

2.º Não posso, por muito que deseje, escrever agora coisa alguma, e muito menos versos ao *Buçaco!* Já não faço versos, meu amigo; se é que alguma vez os fiz. Agora sou *poeta em anos de prosa*.

3.º Sobre escrever para o *Instituto*, fica respondido com as notícias que deu de mim e da minha saúde. Recebi 4 números do jornal há muitos dias, que foram os primeiros e últimos que vi.

4.º Não acho que o Rangel tenha nada que estranhar de Você publicar noutro jornal os seus artigos. Não vendeu a propriedade mas a publicação nas *Artes e letras*. Entretanto, só respondendo por mim. Quando o vir, direi e saberei o que ele pensa. Como eu deixei de escrever para o jornal, raras vezes me aparece aqui.

5.º (E voltando à edição do seu livro) nem os artigos sobre o *Carmo* e o *Douro*) podem servir para negociar a edição (porque os editores querem calcular as despesas à vista de todo o manuscrito), nem aqui se encontrará ninguém que negocie com a condição de se imprimir em Coimbra. Isso daria mais trabalho e despesas de remissas de caixotes com as folhas, e Você bem sabe que os editores são raros e são eles que ditam a lei, infelizmente!

Assim, pois, resolva o que entender. Mas trate primeiro que tudo de aprontar o manuscrito e de mo mandar, se efectivamente lhe convem fazer algum negócio.

Adeus, mil saudades dos meus, e receba um abraço do

Seu amigo do coração

Lisboa 24 de  
Março de 1875

*F. Gomes de Amorim*

41

(24 de Março de 1875)

Meu caro Abílio

Só duas palavras porque estou quase cego de ler jornais, em busca de coisas do Garrett, desde 1820 até hoje.

Pode o seu amigo publicar os versos de João de Lemos. Ele veio ontem aqui, mas por infelicidade, eu, que nunca saio, tinha ido tomar um banho de ar! Não o vejo há muitos anos e fiquei zangadíssimo. Aí vai o bilhete em que ele escreveu, a lápis, a resposta ao meu pedido.

Por hoje mais nada. Este ano será difícil que eu dê coisa alguma ao *Instituto*. Fiz propósito de não escrever mais nada sem acabar o Garrett e em Maio vou para Sintra trabalhar todo o verão. Até aqui tem sido pouco o tempo para reunir apontamentos.

Seu do coração

F. Gomes de Amorim

Apreste-me o seu manuscrito e mande-mo.

42

13 de Novembro de 1875

Meu caro Abílio

Há que longo tempo não trocamos uma carta! Aí vai cópia de mim. Estive em Sintra até 4 de Outubro; não melhorei, nem já espero melhoras. Dava-me por feliz se não piorasse! Infelizmente, essa triste variante é infalível!

Apenas cheguei, meti-me numas obras de pintura da casa em que resido e o cheiro das tintas agravou atrozmente o meu estado. Nestes últimos dias tenho estado aflitíssimo do coração e peito.

Diga-me de si alguma coisa que me satisfaça. Como tem passado? E sua querida mãe? E o seu Abílio? Aceite mil afectos meus e de minha mulher, filhas e filho, para si e os seus.

Tenho recebido regularmente o *Instituto*, desde o começo do volume XIX, que muito lhe agradeço.

Reli com imenso o seu artigo sobre as ruínas do Carmo; é muito bem escrito e termina perfeitamente. Agradeço-lhe de

novo, por me ser dedicado e pela affectuosa amabilidade que nele me dispensa.

Então a edição das *Cartas familiares* ficou adormecida nas linhas da sua invencível preguiça? Não me dê desculpas. Quem quer, pode.

Aí vai pelo correio um exemplar das *Selvagens*. Recebi os poucos que me deram os editores no dia em que fui para Sintra, e só agora os distribuo por que estavam num armário que se não pode abrir mais cedo por causa das pinturas da casa. Leia e diga o que entende. Breve irá outro romance intitulado o *Remorso vivo*, que é continuação e fim deste.

Diga-me se o Instituto tem biblioteca própria e se é costume os sócios mandarem-lhe os seus livros. Eu disponho de raríssimos exemplares, mas não quero fazer mau papel, ainda que tenha de os comprar.

Recebi o *Buçaco*, do Simões de Castro. Já o li e gostei. Ainda não agradeço ao autor, porque não tenho tido cabeça para escrever duas linhas, mais escorreitas do que estas que familiarmente lhe dirijo. Veremos se posso amanhã.

Tive grande apetite de ir fazer-lhe uma visita este mês, no intuito de ver se o choque da jornada me faria algum beneficio, mas não tive ânimo. Veremos na primavera, se lá chegar.

Adeus; abraço-o como seu do coração

F. Gomes de Amorim

Lisboa  
13 de Novembro  
de 1875

43

24 de Novembro de 1875

Ex.<sup>mo</sup> Senhor e presadíssimo colega (a Simões de Castro)

Só ao meu triste estado de enfermidade atribua V. Ex.<sup>a</sup> a falta em que estou por não lhe ter agradecido mais cedo os dois mimos com que se dignou brindar-me — *O guia do Buçaco*, e a sua amável e apreciada cartinha. Cumpro tardiamente este grato dever de reconhecimento, e ainda a assino com dificuldade, por que a doença me impede de escrever amiude. Desculpe-me, pois, e creia que tributo desde muito a V. Ex.<sup>a</sup> a consideração a que tem direito os homens estudiosos e os caracteres honestos.

Li o seu livro e com sinceridade lhe agradeço as breves horas de gozo, que me deu tão (palavra ilegível) quanto instrutiva

leitura. Penso que V. Ex.<sup>a</sup> fez, com esta publicação, um grande serviço a todas as pessoas que visitam o Buçaco — tanto às que aí vão pela primeira vez como às que já conheciam aquela histórica e poética montanha. A mim veio avivar-me saudosíssimas memórias.

A primeira vez que fui ao Buçaco ia na companhia de uma jovem e esperançosa poetisa de Coimbra, que daí a pouco tempo cai da frente a coroa de loireiro e mirto, adormecendo para sempre à sombra dos ciprestes. Desde então a mata, que mostrada por uma mulher de talento me parecera mais bela do que as grandes florestas da America, que eu tinha percorrido anos antes, ficou sendo para mim um bosque sagrado.

Em 3 de Junho de 1867 visitei-a pela ultima vez, com o meu amigo Carlos Relvas. Depois de termos andado até cansar, deitamo-nos, dentro do *char-à-banc*, que tinhamos mandado ficar, sem cavalos, na avenida, esperando que nos viesse o jantar, encomendado em Luso. Eu não sei se adormeci e sonhei, ou se tive uma visão extraordinária; o certo é que tendo falado muito com o meu companheiro em panteismo, ateísmo e misticismo pareceu-me de repente que todas as grandes árvores, que nos rodavam, iam tomando formas humanas, conservando todavia a côr esverdeada, mas de uma transparência mais que diáfana, e resplandecente! Despegavam-se dos seus lugares e perpassavam, deslisando, silenciosas e lentas, por diante do convento, como vapores que a viração levava! De vez em quando retomavam as suas posições, e eu via distintamente abrirem-se os troncos, como se abrem os ataúdes para receber os mortos, e tornarem a unir-se, depois de encerrados em seis verdes seios as pálidas imagens em que lhes se haviam metamorfoseado momentos antes!

«Haud igitur penitus pereunt quaecumque videntur; Quando alid ex alio reficit Natura, me ulla»

Rem gigni patitur, nisi morte adjuta aliena» (17).

Repetindo estes versos de Lucrécio, fiz um esforço e sentei-me no banco da carruagem. A tarde estava serena; mas de entre os arvoredos saíam suspiros abafados e vozes plangentes. O meu amigo afirmava serem os ruidos vagos que se ouvem em todas as selvas; eu tomei-os por gemidos das almas das que ali passaram amando e padecendo. Cada árvore dessa mata ascética é um cenobita: enquanto homem levantava os braços, chamando o espirito; vegetal, ergue os ramos floridos e substitui a oração pelo perfume. A matéria transforma-se, a vida renova-se, e o incenso, dos aureos turbulos ou das mimosas corolas, envolve sempre a Cruz Alta! Derrubar a floresta sagrada não seria somente sacrilégio, seria também um milhão de assassinatos. Contudo, talvez fosse melhor destruí-la do que profaná-la.

Desculpe-me V. Ex.<sup>a</sup> este divagar de enfermo. Devia falar-lhe só do seu livro, que é excelente, e perdi o rumo, desnordeado pelas recordações e saudades de outro tempo!

Permita-me que antes de concluir lhe diga que me parece ter visto, há mais de vinte e oito anos, na igreja de Barcarena, duas léguas e meia distante de Lisboa, uma quadra muito parecida (se não é a mesma) com a que V. Ex.<sup>a</sup> transcreve do livro do Sr. A. P. Forjaz:

«Ó tu mortal que me vês  
Reflecte bem como estou;  
Eu já fui o que tu és  
E tu serás o que eu sou»

Não me lembro bem se foi na citada igreja ou noutra próxima; vi porem com certeza estes versos, e talvez em mais de um lugar, sem ser no Buçaco. Um livro que encerrasse todas as inscrições deste género, existentes nas velhas igrejas e mosteiros de Portugal, seria bem curioso trabalho. Mas acaso valeria a pena fazê-lo?

Agradeço de novo os seus amáveis brindes e as palavras de benevolência que me escreveu acerca das *Selvagens*. De nenhum modo porem me cabe a comparação de ter dado *bilha de azeite por bilha de leite*.

Creia que sou com sincera estima e simpatia

Lisboa, Largo do  
Carmo 24 de Novembro de 1875

De V. Ex.<sup>a</sup>  
collega amigo e muito alto  
admirador (?) e criado

Francisco Gomes de Amorim

44

28 de Janeiro de 1876  
Urgentissimo

Meu caro Abílio

Faço ideia do seu terror, logo que avistou aquele atroz superlativo ao canto do papel! A sua preguiça, a que ninguém é capaz de arrancar o volume das *Cartas familiares*, estremeceu de horror.

e aconselhou-o a que se agasalhasse melhor ao canto da lareira. Não lhe dê ouvidos, ao menos por esta vez. Na sua última carta dizia-me que estava de saúde; não estranhe por tanto que eu o obrigue a vestir o sobretudo e sair imediatamente de casa, para me ir saber, de *boas fontes*, que *nome tinha* uma associação secreta, que havia em Coimbra, em 1818, em casa do livreiro Orcel, no *Arco de Almedina*, e à qual ia Garrett.

Veja se pode saber *quando foi fundada, por quem, e quando acabou*.

Saiba-me se fora essa a que o Garrett resa (?), e que tinha um nome oriental, que ninguém aqui me sabe dizer, ou se foi outra e tudo que souber dela. Em resumo:

- 1.º Quantas sociedades secretas havia em Coimbra de 1816 a 1822?
- 2.º Como se chamavam?
- 3.º Quem as criou?
- 4.º Em que casas estavam?
- 5.º Quando começaram e quando morreram?
- 6.º Tudo quanto possa saber com verdade a respeito das relações de Garrett com essas sociedades?

Estive para escrever ao Joaquim Martins de Carvalho, como escavador que é costumado a essas buscas, mas não tenho com ele relações que me autorizem a importuná-lo. Peça-lhe V. esse favor, que talvez ele tenha resposta pronta, como eu preciso. Fico com o trabalho parado, à espera de esclarecer este ponto.

E um dia perdido, no estado de doença em que me acho, é mais uma probabilidade contra o acabamento do livro.

Pergunte também ao Orcel.

Saudades de todos e um abraço do  
seu coração

*F. Gomes de Amorim*

Lisboa 28  
de Janeiro de  
1876

*P. S.* — Ontem falei muito a seu respeito com Amélia Janny, que passou o dia em minha casa. Saudades ao Laranjo.

*Amorim*

45

6 de Fevereiro de 1876  
Lisboa 6 de Fevereiro de 1876 <sup>(a)</sup>

Meu caro Abílio

Tenho passado tão mal que nem posso escrever-lhe por minha mão!

Agradeço o favor da sua carta. E peço-lhe que veja se me alcança o livro do Joaquim Martins de Carvalho, que me prometeu obter, e que me é urgente vêr, ainda que seja emprestado. Já me falaram muito bem dele; mas eu não o vi, e desejava possuí-lo. Como sabe, já não compro livros há muito tempo. Entretanto, peço-lhe que me mande um pelo correio dado, emprestado, ou comprado.

Quando encontrar o Laranjo, agradeça-lhe da minha parte o favor que Você me diz ter-me ele feito, explicando numa das suas lições de lógica o enredo do *Remorso vivo*.

Visto que Você nada escreveu, porque não me faz a fineza de narrar ao menos esse facto nalgum jornal daí. Faça-o, não seja preguiçoso, que lho agradecerá muito o

seu do coração

*F. Gomes de Amorim*

Saudades de  
todos os meus.

1 de Março de 1876

Ilustre e Ex.<sup>mo</sup> Senhor <sup>(b)</sup>

Muito agradeço a V. Ex.<sup>a</sup> o favor de se ter lembrado de mim uma vez mais, enviando-me o formoso livrinho de seu primo Abílio <sup>(c)</sup>. Li-o e gostei muito. O papa encarrega-me de dizer a

<sup>(a)</sup> Letra de outra mão, sendo porém assinada pelo próprio.

<sup>(b)</sup> A letra é a mesma das outras cartas que são do punho de Francisco Gomes de Amorim.

<sup>(c)</sup> Abílio Augusto da Fonseca Braga — *A primeira viagem. Lenda da infância*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1876.



V. Ex.<sup>a</sup> que também gostou muito e que foi uma bem escolhida estreia. Ele não lhe escreve agora por que há mais de um mês que passa muito mal.

Toda a minha família se recomenda afectuosamente a V. Ex.<sup>a</sup>, à Ex.<sup>ma</sup> Senhora sua mãe e ao sr. Abilio Braga, a quem eu especialmente envio mil saudades. E desejando que V. Ex.<sup>a</sup> continue a gozar saude, tenho a honra de assinar-me com toda a consideração e estima.

Lisboa 1 de  
Março de 1876

De V. Ex.<sup>a</sup>  
Muito atento e venerador  
Obrigado

*Francisco Gomes de Amorim Junior*

46

Sem data (talvez entre 1-3-1876 e 19-6-1876)

Meu caro Abilio

Faleceu meu cunhado mais novo, depois de atroz padecera (?) (tísico). Tinha trinta e tantos anos e deixou três crianças na pobreza. É um (ilegível) do maior número.

Recebi a sua carta, que muito lhe agradeço. Eu tinha os números das casas em que Garrett morou aí, quando estudante, mas não tinha os números de estudante, que muito favor me fez em mandar. Também sabia que andou em matemática e filosofia, mas igualmente me faltavam os números. Peço-lhe o favor de verificar se no 4.º ano (1819 a 20) ele morou na rua dos Militares n.º 45, e não em n.º 15 (na mesma rua), onde morou no 3.º ano. Você nada me diz e eu tenho cá estes dois números que indicam ter estado em diversas casas.

Peço-lhe o favor de indagar se é possível saber se os estudantes votaram nas eleições de 1820 (16 de Dezembro), por ocasião da revolta que eles aí feriram por não estarem na Câmara Municipal inscritos como eleitores. Eu sei toda a história desse pronunciamento e já Você mesmo me mandou daí dois folhetins

do *Conimbricense*. Mas nem esses, nem outros documentos, que eu tenho, me elucidam sobre um ponto escuríssimo. Garrett fez a representação, pedindo em nome da Academia que o Governo lhe concedesse voto. Data de 4 de Dezembro. Em 6 foram os estudantes à Câmara, dizer *que haviam de votar ou morrer*, e que não votando eles ninguém votaria.

A Câmara, pela acta publicada no *Conimbricense*, que Você me mandou há tempos parece ter concordado em que eles votariam. Teófilo Braga publica (a) uma portaria do Fernandes Tomás ao Reitor, dizendo que desaprova os actos dos estudantes no dia 6, e que quanto à sua pretensão, *não havia já tempo* de comunicar instruções para Coimbra, e que as cortes resolveriam depois como conviesse. Parece por tanto que não votariam? Nem Teófilo Braga, nem Joaquim Martins de Carvalho, nos folhetins citados, dizem se votava ou não. A portaria é de 9 e as eleições eram a 16. E no entanto João Baptista Ferreira, hoje tabelião em Lisboa, bacharel em leis e estudante desse tempo, afirma que os estudantes votaram e que Garrett dirigiu a votação com grande entusiasmo e educação cívica! Como se concilia isto com a negação do governo? Veja se há meio de saber aí pelas actas da Câmara (se por ventura existem), ou por outro qualquer meio, se com efeito votaram ou não. Se votaram é porque o Governo, de propósito demorou a portaria para que chegasse depois de consumada a votação? Talvez pelos livros de registo (se os há) das portarias e officios do Governo aos reitores? Deslinde-me isto por favor.

E veja se me diz também em que mês se pôs o ponto no ano de 1820 a 1821 na faculdade de leis. O Garrett acabou nesse ano, mas já em Abril ia em viagem para a Terceira! Isto não pode ser. E porquê, acabado o curso este ano, só se formou em Novembro? Há meio de resolver estas dúvidas pelos livros da Universidade? Podia ser dispensado dos actos e adiar a formatura para Novembro? Podia sair antes de se pôr o ponto?

Pode saber se há também em que mês ele se matriculou no ano de 1820?

Tenha paciência com estas importunidades.

Saudades de todos os meus, para si e os seus e um abraço do

seu do coração

*F. Gomes de Amorim*

(a) *História do theatro portuguez*, pág. 142.

47

12 de Junho de 1876

Meu caro Abilio

Só há poucos dias tive notícias do falecimento de sua jovem prima. Tomo sincera parte nos desgostos do meu amigo e de todos os seus. Já escrevi aos pais, por intermédio do Hernâni.

Eu tenho continuado bastante incomodado, assim como minha mulher. Vim para a minha choupana da *Vila Estefânia*, em *Sintra*, onde passarei o verão. Peço-lhe a fineza de responder aos quesitos da minha ultima carta, sem o que não posso prosseguir com o trabalho. Preciso que me autentique a data do falecimento do Dr. Fortuna, pelas razões que já lhe disse. E que me esclareça os outros pontos. Tenha paciência, que lho hei-de agradecer nas *memórias sobre Garrett*.

Mil affectos aos seus, saudades dos meus, e um abraço do

seu do coração

*F. Gomes de Amorim*

Vila Estefânia —  
— Sintra, 19 de  
Junho de 1876

48

23 de Janeiro de 1878

Meu caro Abilio (a)

Há muito tempo que não trocamos duas linhas, e eu estive por pouco a acabar de vez com a possibilidade de permutação. Estive todo o verão bastante incomodado, e poucos dias depois do meu regresso a Lisboa caí de cama com um furioso ataque de reumatismo agudo, cujos restos ainda me atormentam ainda. Estive nas unhas de três médicos e de um enfermeiro, e benzo-me ainda do milagre porque escapei delas! Mas tão maltratado fiquei que só Deus sabe quando voverei de novo ao estado de escalabramento ordinário.

Dê-me notícias suas e do seu Abilio e recebam ambos muito affectuosas saudades minhas e de toda a minha familia.

(a) Não é letra de Gomes de Amorim.

Nos princípios do mês próximo lhe mandarei o *Diccionario de João Fernandes*, que sai anónimo e assim deseja viver, mas que desde já lhe peço o favor de recomendar aí nos jornais, quando ele chegar aos livreiros de Coimbra.

Adeus e creia-me sempre

Seu grato amigo do coração

*Francisco Gomes de Amorim (a)*

Lisboa, 23 de  
Janeiro de 1878

49

22 de Outubro de 1878

Meu caro amigo (b)

Doente sempre, não tenho podido escrever-lhe há muitos meses, nem obtive resposta às cartas que lhe escrevi depois da minha volta do Porto no ano passado, nem sequer sei se recebeu o *Diccionario de João Fernandes* que em tempo lhe mandei. Conto que sim e que também não tem podido ou não tem querido escrever-me. Não me dou por zangado ou despeitado, continuo a ser seu amigo, aqui lhe remeto um exemplar de um pequenino poemeto que fiz, e vou importuná-lo conforme é meu costume.

Remeto-lhe um pocatinho com cem exemplares do dito poemeto a *Flor de marmore*, e mais dois, sendo um para Você e outro para o sr. Joaquim Martins de Carvalho. Peça a este amigo que dê notícia dos versos, remeta-me o que ele disser, e diga também alguma coisa por sua conta, se uma vez mais quizer obrigar-me.

Quanto aos cem folhetos, são para vender a 200 reis cada um; e peço-lhe que não faça o mesmo que fez o Larânjo com o *Diccionario de João Fernandes*, que os atirou para dois ou três livreiros e nunca mais fez caso deles. Promova a venda disto, recomendando-as aos estudantes e espalhando-os por todas as livrarias onde estes vão. Mas não durma sobre o caso, porque desejo isto liquidado com a possível brevidade; e como é coisa de pequeno preço, penso que não será difficil extrair-se, havendo boa vontade da parte do meu amigo. Espero dever à sua amizade mais esta fineza, e conto com a sua bondade em tudo.

(a) Parte autógrafa.

(b) Letra de outra mão.

Para o Porto vou mandar outros cem a seu primo, para ele pôr nos livreiros porque não quero dirigir-me directamente a estes.

Junto mais um exemplar que lhe peço o favor de mandar à Amélia Janny. Desculpe a enorme maçada e não duvide nunca da sincera amizade do

Seu amigo do coração

*Francisco Gomes de Amorim* (a)

P. S. — Não lhe escrevo por minha mão porque me custa muito e estou com a vista quase perdida.

50

4 de Abril de 1881

Meu caro amigo

Agradeço muito a sua affectuosa carta e tudo quanto nela me diz. Esperarei o prometido favor que desde já lhe agradeço também. A respeito de Inês de Castro, estamos muito mal. Restitui ao genro e filha de Garrett todos os manuscritos que em tempo tinha pedido para conferir com as minhas cópias. Da Inês de Castro e de outros semelhantes fragmentos, que por serem muito rudimentares poucos me interessavam, nunca tirei cópias. Há 4 ou 5 anos interrompi as minhas relações com os herdeiros do poeta por me considerar ofendido com o procedimento deles. Estou pois impossibilitado de lhes pedir coisa alguma. Todavia se o que V. pretende não é para já, talvez que quando eu fôr para Sintra (onde o genro de Garrett reside), ache ocasião de obter uma cópia do projecto da Inês de Castro e das primeiras cenas do primeiro acto. Mas olhe que é tudo de muito pouco valor.

O Garrett dizia-me muitas vezes que o assunto Inês de Castro estava ainda à espera de um poeta dramático, que ele tentara fazer a tragédia, e a'ê ao principio do ano em que faleceu manifestou sempre desejos de realizar o seu pensamento. Infelizmente, morreu sem o ter conseguido e teremos de esperar o aparecimento de um génio de igual grandeza que, provavelmente, nem eu nem V. veremos.

A páginas 47 do livro *Emilia das Neves, documentos para a sua biographia*, publicado em Lisboa em 1875, diz-se que Garrett entrando no camarim de Emilia, no teatro de D. Fernando, a

(a) Parte autógrafa.

29 de Outubro de 1849, dissera que ia escrever em verso uma tragédia, e acrescenta-se: «Garrett cumpriu parte da sua promessa, escrevendo apenas o 1.º acto de *D. Ignez de Castro*. Tivemos a fortuna de assistir à leitura deste primoroso trabalho, e lamentamos do coração que não tivesse sido concluído, para glória do illustre poeta e da exímia actriz».

Não sei que Garrett fizesse tal 1.º acto porque convivendo com ele a esse tempo e até ao fim da sua vida na maior intimidade, nunca o vi escrever tal, nunca appareceu entre os seus papéis esse trabalho nem me consta que exista. Se ele o tivesse feito era natural achar-se reunido aos fragmentos que cita o catálogo das suas obras, e não está lá.

Quer Você queira quer não que eu no próximo verão diligencieie alcançar-lhe cópia do que existir, é possível que eu então faça maior indagações, se acaso me encontrar com o genro do poeta ou tiver ensejo de que alguém lá lhe fale nisso. Agora é-me impossível porque ele se tem portado comigo pessimamente.

Se querendo prescindir daquele assunto, V. se contenta com uma cena doutra comédia ou tragédia, posso mandar-lhe um fragmento de *Lucrecia* (verso) ou do *Conde de Novior* (prosa). É este o único modo porque me é permitido provar-lhe a minha boa vontade. Nada mais posso fazer actualmente, com grande mágua minha. Eu nunca escrevi nada de Inês de Castro.

Por meu Pai Sr. Francisco Gomes de Amorim  
Seu grato amigo do coração

*Maria Luisa Gomes de Amorim Junior*

P. S. — Responda em todo o caso.

51

7 de Dezembro de 1881

Lisboa 7 de Dezembro de 1881

Meu caro Abilio

Recebi e muito lhe agradeço a sua carta, a sua *Ignez de Castro*, e a sua *Breve exposição aos seus amigos*. Tudo li com o interesse e affecto quem V. me inspira, e com o gosto com quem o meu espirito entra na convivência do seu.

Mas senti infinitamente as sensaborias porque o fez passar esse homem que hoje administra a imprensa da Universidade.

O seu folheto justifica-o a Você plenissimamente e até foi bom que o publicasse para ter ocasião de receber as justas e merecidas demonstrações de consideração e apreço, que lhe deu tanta gente ilustre. Que diabo de figura fica fazendo esse bolas diante das assinaturas e dos votos respeitáveis que incluem o seu opúsculo? O biltre é capaz de não se demitir?! Embora! Distribua largamente a sua *Exposição*, que ele há-de dar urros íntimos, e perante o público ficou como um sendeiro.

Infelizmente, pelo lado da imprensa, nada lhe posso fazer, nem talvez lho poderá fazer ninguém. Você ignora por ventura o que é hoje a imprensa de Lisboa? Pois, se o não sabe, eu lho digo em duas palavras. É, raríssimas excepções, valhacouto de insignificantes, que exploram o ofício por todos os meios que lhe possam render dinheiro, influência ou qualquer outra coisa útil. Como todos os meios lhe servam, ninguém honesto os estima, não quer nada com eles, e afasta-se, deixando-lhes o campo livre. A maioria compõe-se de asnos e maus; só eles são grandes e ilustres: fazem-se mutuamente imortais; e os que vivem fora das suas cortes (?) podem ter talento, produzir bem e muito, que os jornais não se ocupam deles. A imprensa não serve, geralmente, senão para os *pulhas* se celebrarem e aplaudirem uns aos outros, explorando a patifaria e a decadência dos costumes, sem pudor e sem honra. Como quer V. que eu tenha alguma influência entre essa gente? Todos me são hostis, porque até os que não são maus nem tolos me julgam adverso, porque sou dos *antigos*. Mas, em compensação, quem é que faz hoje uso do que diz a imprensa? Quando é uma pessoa estranha aos jornais que escreve ainda há muito quem o leia e considere, porém, estes sujeitos dos jornais de Lisboa, não sendo artigo a dizer bem deles ou dos seus, dizem que é negócio de interesse pessoal, e nem mesmo assinado o põem, salvo pagando-se.

O mestre *destas artes* é o seu patricio Eduardo Coelho. Veja se ele lhe disse alguma coisa favorável? Não, que o que está um furo acima, promete mais!

Mande-os ao diabo, que é o mesmo que eu faço. O seu opúsculo não carece de recomendações para se ler, espalhe-o.

Deliciei-me com o seu artigo-carta, sobre Inês de Castro. Está primoroso. O genro do Garrett vive em *Sintra*. Receba os meus affectuosos parabéns, tanto por esse belo escrito, como pelas provas que no seu folheto recebeu de tantas pessoas dignas de respeito. Abraça-o o

Seu amigo do coração

Francisco Gomes de Amorim

52

17 de Maio de 1884  
Lisboa 17 de Maio de 1884

Meu caro Abílio

Recebi e muito agradeço o seu favor de 14, e fico certo de tudo que me diz. Ontem tive carta do Laranjo, que manda pagar 10 exemplares do 1.º tomo, que aí se venderam. Por tanto, não é só o 2.º que se vende, pois que será naturalmente procurado pelos que têm aqueles 10 do 1.º.

Fiquei maravilhado com o seu dito de que Garrett está *«fossilada*, e muito, deve de estar Coimbra, se esta opinião aí vogal! Eu bem sei que isto é gracejo, mas já não me parece tal o dizer-me que de todos os marechais célebres (?) da sua meninice só Herculano tem resistido à indiferença dos tempos. Respeito muito a sua opinião para ousar discuti-la ou combatê-la. Até hoje, confesso que tinha o maior prazer, e me lisonjeava muito de ver o acordo constante das nossas vistas e gostos em matérias de arte e literatura. Mas neste ponto distanciamo-nos muito. Fui também amigo de Herculano, que honrou sempre a minha casa com a sua presença até ao fim de vida; respeitei-o como mestre, e acato a sua memória. Mas se a minha admiração por Garrett afrouxasse algum dia, primeiro e muito antes, teria desaparecido a que tive por Alexandre. Se a obra sublime do artista por excelência, do mestre incomparável da forma, não resistir ao meu culto, nenhuma outra lhe sobreviverá. No 3.º volume que tenho a imprimir, tratei este assunto, e o meu amigo poderá, querendo, combater as minhas ideias. Fique, porém, já certo que me inclinarei diante da sua autoridade, mas que o meu sentir ficará o mesmo sempre, porque nasce de convicções indestructíveis e imutáveis.

Concordo absolutamente em que a decadência do gosto literário e a metamorfose das ideias façam apesar dos altares, sem os destruir contudo, os ídolos que ontem se adoravam; mas essas profanações, se o são, é o vulgo que as faz, e não os homens superiores, como o meu amigo, que conhecem a natureza dos deuses que amaram. Para os que floream a pena com a elegância, correcção e pureza de estilo com o que faz Abílio Augusto da Fonseca Pinto, não envelhecem nem se *fossilam* os Virgílios e os Camões: como é pois que se *fossilam* os Garretes! Os românticos sucederam aos clássicos, outros sucederam aos românticos, e Deus sabe o que virá depois destes! Mas isso não impede que o meu amigo entre

de vez em quando em Tibur um Tusculum, e que recreiam o seu espírito com as graças sempre juvenis dos velhos de Roma. É porque só a forma da beleza terna às obras do espírito humano. Portanto, suceda o que suceder, e morra quem morrer enquanto houver lingua portuguesa não morrerão as obras de Garrett; e o seu *Camões* e *Frei Luiz de Souza* enternecerão em todos os tempos as almas sensíveis.

Herculano foi grande, mas a sua natureza traiu os seus talentos. Para ter vida superior à de Garrett, precisava ser mais artista do que este foi, e não ter-lhe ficado, como ficou, muito aquém.

Agradeço-lhe a promessa de escrever alguma coisa sobre os meus livros. Advirto-o, porém, de que não atribuo a Garrett duas traduções do *Alcyão no cabo*, nem me enganei — julgando dele o que o meu amigo afirma ser do Dr. Francisco de Castro Freire. Peço-lhe que leia de novo a passagem do meu livro, e depois a nota I do livro 2.º das *Flores sem fructos*. Se os versos, que cito, andam com outro nome em outras obras, o plagiário não foi Garrett. Qual Castro Freire, nem qual carapuça! Pois um homem do seu tacto acredita que, depois de *Camões*, houve já em Portugal quem fizesse versos daqueles, sem ser Garrett? Que me diga outro, mas não o Abílio.

Adeus receba saudades de todos os meus, e um saudoso abraço do

Seu grato amigo do coração

*Francisco Gomes de Amorim*

53

25 de Maio de 1884

Meu caro Abílio

Lisboa 25 de Maio de 1884

Que desapontamento tive hoje, encontrando no meio da papellada que me enche a mesa a carta junta, que lhe tinha escrito há oito dias! Quando aqui estive o Laranjo, disse-lhe eu que me tinha escrito, e o que lhe tinha escrito. Se ele aí chegou deve ter-

-lho dito, e Você terá julgado que a carta se perdeu. Perdia-a eu com efeito, que já não tenho memória para nada!

Enfim, ela aí vai, com outro abraço meu, saudades dos meus todos, e do

seu coração

*F. Gomes de Amorim*



Abílio Augusto da Fonseca Pinto

## NOTAS SOBRE A CORRESPONDÊNCIA

(1) — Trata-se de José Frederico Laranjo (20 de Dezembro de 1846 — 2 de Janeiro de 1910) que foi lente da Faculdade de Direito de Coimbra, onde regeu sobretudo Economia Política. Aqui se doutorou em 15 de Julho de 1877. Foi deputado nas cortes em 1879 a 1881, pelo círculo de Portalegre.

(2) — Hernani Braga, não sabemos quem seja.

(3) — Para a bibliografia de Gomes de Amorim ver os nossos trabalhos: *Notas sobre Francisco Gomes de Amorim*. Póvoa de Varzim, 1970, e *Novos elementos bibliográficos da obra de Francisco Gomes de Amorim. As suas descrições da região do Amazonas*. Póvoa de Varzim, 1973.

(4) — Idem, p. 63-66, onde se refere concretamente está récita em Coimbra.

(5) — Trata-se da obra de Romero Ortiz — *La literatura portuguesa en el siglo XIX. Estudio literario*. Madrid, Bailly-Baillière, 1869.

(6) — Olimpio Nicolau Fernandes (26 Julho 1820 — 2 Abril 1879) foi administrador da Imprensa da Universidade e a cidade de Coimbra ficou-lhe a dever muito.

(7) — Cândido de Figueiredo (19 Set. 1846 — 26 Set. 1925) que se tornaria célebre pela sua obra de filósofo, era então um jovem prometedor.

(8) — Amélia Janny (25 Fev. 1841 — 19 Mar. 1914) foi uma notável poetisa de Coimbra.

(9) — Francisco Rangel de Lima 14 Abril 1839 — 31 Out. 1909) director da Revista *Artes e Letras*.

(10) — As ruínas do Carmo foram realmente descritas por Abílio da Fonseca Pinto.

(11) — Joaquim Possidónio Narciso da Silva (17 Maio 1806 — 23 Mar. 1896) foi um notável arqueólogo.

(12) — A vinda do imperador do Brasil a Portugal, D. Pedro II, no ano de 1871, foi um acontecimento que marcou um ponto alto na vida portuguesa. A sua viagem foi descrita minuciosamente pelo menos na seguinte obra: *Viagem dos imperadores do Brasil em Portugal*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1872, de autoria de José Alberto Corte Real, Manuel António da Silva Rocha e Augusto Mendes Simões de Castro, e prefácio de Fonseca Pinto.

(13) — Joaquim Martins de Carvalho (19 Nov. 1822 — 17 Out. 1898) era o director de *O Conimbricense*.

(14) — Eram livreiros de Coimbra. José Melquiades Ferreira dos Santos (10-12-1826 — 1890) era o proprietário da Livraria Académica, na rua Ferreira Borges, n.ºs 183-185.

Manuel de Almeida Cabral possuía a Livraria Portuguesa e Estrangeira, também chamada a «Livraria Cabral», igualmente na Rua Ferreira Borges, n.º 147 a 149. Foi o primeiro administrador da *Revista de Legislação e Jurisprudência* (Ver o excelente trabalho de Guilherme Braga da Cruz — *A Revista de Legislação e de Jurisprudência. Esboço da sua história*. Coimbra, 1975, 1.º vol., p. 415-417).

(15) — Francisco Marques de Sousa Viterbo (29 Dez. 1864 — 29 Dez. 1910).

(16) — João de Lemos (6 Maio 1819-1890) nome literário de João de Lemos Seixas Castelo Branco, notável poeta.

(17) — António Xavier Rodrigues Cordeiro (23 Dez. 1819 — 11 Dez. 1896) foi deputado por Leiria na legislatura nos anos de 1851 e 1857, além de poeta.

(18) — Lucrécio — *De rerum natura*. I, n.ºs 262-264, 1.ª ed. da Loeb Classical Library, n.º 181, London, 1953, p. 20.

(19) — Trata-se de um dos Orceis, Jacques António Orcel ou Jacques Orcel, livreiros franceses que estiveram estabelecimento em Coimbra no primeiro quartel do séc. XIX. Será deveras interessante fazer-se uma monografia sobre a influência que estes livreiros tiveram sobre a difusão das ideias da Revolução Francesa entre nós. Há já pequenas referências a esta acção, mas aguarda-se um estudo sistemático da questão.

(20) — Abílio Augusto da Fonseca Braga — *A primeira viagem. Lenda da infância*. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1876.